WARLEY MATIAS DE SOUZA
CHAI CO VIS QUE
e o sentido da vida

Warley Matias de Souza

CHAICOVISQUE

e o sentido da vida

Souza, Warley Matias de, 1974-
Chaicovisque e o sentido da vida / Warley Matias de Souza.
–
1ª ed., 2024.
ISBN 978-65-00-92720-7
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
CHAICOVISQUE E O SENTIDO DA VIDA
Copyright © 2024 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *O violino*, de Edwin Deakin.

(Obra revista pelo autor em 2025)

NOME DE ARTISTA RUSSO

Quando o menino nasceu, o pai, João de Abreu, decidiu dar-lhe o nome do compositor russo Piotr Ilyich Tchaikovsky. É que João amava as músicas desse gênio e tinha a esperança de que, com o nome, viesse também um nobre talento para o seu filho.

Depois de chorar de emoção ao carregar o menino nos braços, João correu ao cartório para registrar a criança. E, no caminho, decidiu que, em vez de chamar o filho de Piotr, o melhor seria chamá-lo de Tchaikovsky, pois era mais sonoro e mais fácil de falar.

Porém, o homem do cartório não gostava de música clássica e, portanto, nunca tinha lido esse nome (ou melhor, sobrenome) antes.

— Qual o nome da criança? — perguntou, enquanto empurrava os óculos de aros finos sobre o nariz vermelho de tanto espirrar.

O pai, feliz da vida, disse então:

— Tchaikovsky! Tchaikovsky de Abreu!

Então, o homem do cartório levantou as sobrancelhas e digitou assim o nome de nosso protagonista: Chaicovisque de Abreu.

O funcionário estava cansado e mal-humorado. O pai estava muito feliz. Por isso,

nenhum dos dois se preocupou em revisar o documento.

DITO E FEITO!

Pois é! Aqui está nosso querido Chaicovisque nove anos depois. É um menino bonito, inteligente e artista! Dito e feito! A esperança do pai se tornou realidade.

Eu, que sou um narrador desconfiado pra caramba, não acredito que o nome tenha dado ao menino o talento musical. O dom dele é próprio, único, intransferível, só dele e de mais ninguém.

Talvez, reconheço, ter ouvido tanto, da boca de seu pai, o quanto o músico e maestro russo era genial, tenha feito o nosso Chaicovisque se interessar pela música. Mas, se não tivesse talento, não seria o que é, um artista.

Porém, Chaicovisque ainda é um artista sem obra. Ele tem melodias inéditas dentro de sua cabeça. Mas não pode mostrá-las ao mundo, pois o menino ainda não sabe tocar nenhum instrumento.

Ele sabe, como nós sabemos que estamos com sede, que seu instrumento é o violino. E o pai prometeu que vai comprar um à prestação para Chaicovisque.

João de Abreu sabe que o filho precisa de aulas também.

— Um problema de cada vez — disse à sua esposa, um dia antes de não voltar.

AMORINHA AZEDA

Chaicovisque, ou Chai, como lhe chamam os colegas da rua e da escola, às vezes, como todo mundo, amanhece com cara de poucos amigos. Nesses seus dias de mau humor, sua mãe o chama, carinhosamente, de “amorinha azeda”.

Ele finge não gostar, fecha a cara ainda mais. Porém, lá dentro de seu peito, seu coraçãozinho sorri, pois se sente aquecido pelo carinho da mãe.

Hoje, porém, o menino acordou animado e com ideia fixa:

— Mãe, vou deixar meu cabelo crescer!

— Ai, menino, cabelo grande dá muito trabalho.

— Sabe qual o nome do cabelo que vou ter?

— Sei, mas pode falar.

— Vi ontem na internete. É um nome em inglês, mas é fácil de falar: “bleque páuer”.

— E você sabe o significado disso?

Ele fica pensativo e, depois, acaba reconhecendo a ignorância:

— Pior que não.

A mãe faz cara de sabida.

— Poder negro! — diz.

Então, os olhos da amorinha brilham intensamente.

A MÃE DA AMORINHA

Eunice é a mãe de Chaicovisque. É bonita e “sabida”. Assim que ele começou a falar — não me lembro com que idade —, logo disse esta palavra: “sabida”.

Ela tem a pele escura e o cabelo curto e crespo. Usa batom cor de amora. E odeia saias e vestidos. Eunice é uma mulher de calças.

Ano passado, no aniversário dela, uma parenta deu-lhe uma saia de presente. Eunice tentou disfarçar a decepção, mas pouco conseguiu. Então, Chaicovisque caiu na gargalhada.

— Liga não, Janice — disse a mãe para a parenta. — Esse menino tem o riso frouxo.

Eunice trabalha em uma fábrica de biscoitos. E agora que o marido não está, ela conta só com a ajuda de dona Maricotinha para cuidar do filho.

Mas nem todos os vizinhos são tão “gente fina”. Alguns torcem o nariz para ela e para o marido. Sabe-se lá por quê!

— Gente mais metida à besta — disse mais de uma vez o açougueiro. — Vê se pode! O menino tem nome de gringo.

— E é, Olinto? — disse, certa vez, a prima da esposa do Olinto, que estava de “passagem de férias”.

— Nome de americano, é sim!

— Né não, pai! — falou a filha do açougueiro, que está sempre de ouvidos e butucas abertos. — É russo!

— E é? — disse a prima.

— Pior ainda! — falou Olinto, muito mais convencido de não gostar.

Mas quando Eunice vai ao açougue, é dona Eunice pra lá, dona Eunice pra cá, como vai a família?, que vai querer pro almoço?, vai pagar à vista!, freguesa que não deve nada a ninguém.

O LAGO DOS CISNES

Eunice fica brava com o filho, pois o menino “acabou com os dados móveis” do celular dela.

— Desculpa, mãe. Eu estava ouvindo... Peraí... eu anotei o nome.

Eunice pega o pedaço de papel e vê escrito assim:

Swan lake: scene from act 2.

— Que letra bonita a sua, Chaicovisque! Parece até desenhada!

— Então, sabe o que significa?

— Isso é inglês! E eu lá falo inglês? Só sei o que é “bleque páuer”.

— Sabia que tem tradutor na internete?

— Ah, é verdade! Pena que você consumiu todos os meus dados móveis.

Chaicovisque dá uma risadinha sem graça.

— Então, mãe. É o lago dos cisnes!

— Hum... já ouvi falar.

— Pois é. Na tradução diz assim: “Lago dos cisnes: cena do segundo ato”. Mas... o que é segundo ato?

— Tem a ver com teatro, menino. Mas não sei explicar direito. Nunca fui ao teatro. Depois,

quando eu colocar créditos no celular, você pesquisa.

Pela primeira vez, o menino percebeu que a mãe não era tão “sabida” assim.

— Se meu pai estivesse aqui, ele ia saber, ia sim.

A mãe tenta desconversar. Mas Chaicovisque pergunta:

— Mãe, onde está meu pai?

DEIXA DE PERGUNTAÇÃO!

— Já te disse mil vezes que ele está viajando.

— Mas está demorando demais!

— É coisa de emprego.

— E por que ele não atende o telefone?

— O telefone dele estragou.

— Mas...

— Nem mas nem meio mas! Deixa de perguntação. Arruma suas coisas, porque amanhã tem escola. E, depois, você vai pra casa da dona Maricotinha.

Ele vai para o quarto e, enquanto organiza o material escolar na mochila, uma melodia surge lá dentro de sua cabeça.

É uma coisa assim: tinin... vauim... ê-sun... E segue, e agranda, e se transforma, e...

Nesse momento, o menino só quer ter um violino para tocar a melodia. E se soubesse como, podia até colocá-la no papel.

Não poder mostrar sua música para a mãe, para o pai, para todo mundo, angustia o coração do mocinho.

Por que é artista se não pode ter o instrumento para fazer a sua arte?

— Deixa de perguntação, Chaicovisque! — ele diz para si mesmo.

— Falou comigo? — grita a mãe, do outro quarto.

— Não! Só estava pensando alto! — ele responde.

TININ... VAUIM... Ê-SUN...

A tal música não sai da cabeça de Chaicovisque. Sem violino, só lhe resta então o assobio.

É complexa a canção, pois há momentos de extrema melancolia, seguidos de melodia eufórica. É gran-di-o-sa!

Tinin... vauim... ê-sun.....
.....
.....
.....
.....

Eunice para no corredor e senta-se no chão, enquanto ouve, emocionada, a canção do filho. E consegue memorizar o trecho mais fácil: tinin... vauim... ê-sun...

No dia seguinte, ela assobia na fábrica de biscoitos, enquanto trabalha. O carregador ouve e assobia também, enquanto enche um caminhão de biscoitos. O motorista do caminhão ouve e assobia também. O frentista do posto de gasolina, onde o caminhoneiro abastece seu veículo, ouve e assobia também. A juíza milionária, que paga para abastecer seu caríssimo carro, ouve e assobia também. A empregada da juíza ouve e assobia também. O porteiro do prédio, conhecido da

empregada da juíza, ouve e assobia também. Um jovem esqueitista, ao sair do prédio, ouve e assobia também. Seu melhor amigo para toda a vida ouve e assobia também. Um empregado da mercearia onde o amigo do esqueitista compra um saco de batatas fritas, ouve e assobia também. Uma mulher cujo marido é carcereiro de um presídio, ao comprar uma barra de chocolate na mercearia, ouve e assobia também. Seu marido, ao chegar em casa, ouve e, no dia seguinte, assobia também. Um velho presidiário ouve e assobia também. E todos os presidiários se esquecem um pouco da dor de não ser livre e assobiam também. O médico da prisão ouve e, mais tarde, assobia também no hospital em que ele trabalha. Um enfermeiro ouve e assobia também. Um jovem publicitário, que visita a mãe doente, ouve e assobia também. E sua chefe ouve, assobia também e coloca a música em um anúncio que faz muito sucesso. E todo o Brasil ouve e, finalmente unido, assobia também. E até os cães e gatos ouvem e, sem saber assobiar, uivam e miam para o céu.

Está vendo como sei de tudo? Acabei contando coisas do futuro. Então, voltemos ao presente. Chaicovisque está em seu quarto e, depois de assobiar, adormece.

FILHO DE LADRÃO, NÃO!

Chaicovisque é um menino que nasceu para a paz. Então, quando dona Maricotinha o vê empurrar o filho do açougueiro, que cai e quase bate a cabeça no meio-fio, ela corre para junto deles, preocupada.

— O que deu em você, meu filho? Quase provoca uma tragédia!

Ela então percebe que Chaicovisque está chorando.

— Filho de ladrão, não! — ele grita, e seus olhinhos tão pretos e profundos estão cheios de raiva e desespero. — Filho de ladrão, não!

O filho do açougueiro se levanta e, meio sem graça, diz assim:

— Desculpa, Chai.

Nossa querida amorinha ainda está muito azeda e se afasta, sem poder conter as lágrimas.

Na casa de dona Maricotinha, Chaicovisque fica quietinho num canto do quintal, pensativo. E a bisavó de Fernandinha decide deixá-lo sozinho ali com seus pensamentos.

— O que aconteceu, minha filha? — pergunta dona Maricotinha à bisneta.

— É que o Nico queria cola de matemática, bisa. E Chai não passa cola pra ninguém, porque é coisa desonesta.

— E ele está muito certo! Mas não foi só isso, foi?

— Isso foi o começo da coisa, bisa. Deixa eu continuar.

— Continua, menina, continua.

— Eles vieram discutindo no caminho, até que o Nico virou pro Chai e disse assim: “Seu filho de ladrão!”. Aí o Chai perdeu a cabeça, bisa, e empurrou o Nico.

— Nossa mãe! Podia ter acontecido uma tragédia!

Depois de um breve silêncio, Fernandinha pergunta:

— Bisa, onde está o pai do Chai?

O QUE ACONTECEU COM O PAI DA AMORINHA?

Acho que já falei que João de Abreu queria comprar um violino para seu filho Chaicovisque. Se não falei, falo agora. Ele queria muito dar esse instrumento para o menino.

Ele estava em uma loja de instrumentos musicais quando tudo aconteceu. Mas tudo o quê, narrador? Ora, leitora, a coisa toda que o levou à prisão!

Ele estava diante de um caro violino e pensava que, talvez, fosse hora de pedir ajuda à sua mãe rica, quando ouviu uma voz irritante e autoritária:

— Foi ele ali!

O segurança, um brutamontes, agarrou João de Abreu pelo braço.

— O que foi que eu fiz? — ele perguntava, sem entender o que estava acontecendo. — O que foi que eu fiz?

Foi revoltante ver o homem tão indefeso e não poder fazer nada por ele, enquanto todos o olhavam, sem nenhuma compaixão.

Apavorado, João fez o que qualquer pessoa assustada faria. Quando o segurança se descuidou e afrouxou o aperto, João fugiu. Mas

logo foi capturado pelo brutamontes. E pior, a polícia chegava nesse momento e presenciou a cena.

Diante disso, os policiais *presumiram* que ele era autor do crime de que era acusado, apesar de não encontrarem prova material. Durante a fuga, João devia ter se livrado da prova do crime, de novo *presumiram*.

A polícia algemou o cidadão. E o resto, não dá nem para contar sem que lágrimas caiam dos meus olhos. Nenhum policial informou a João os seus direitos, sequer o de permanecer calado.

Não, isso não é coisa de filme americano. No Brasil também o policial responsável pela prisão deve informar os direitos do cidadão que está sendo preso.

João foi conduzido à delegacia de polícia.

O delegado *deixou* o preso ligar para um parente. Na verdade, isso é um direito do cidadão. Ele contou às pressas para a esposa o que estava acontecendo, mas deixou bem claro que ela não devia procurar a sogra. Portanto, como João não tinha dinheiro para pagar a fiança, ele foi *recolhido ao cárcere*.

Para completar, o juiz converteu o flagrante *presumido* pelos policiais em prisão preventiva. E você ainda duvida de que injustiças desse tipo

ocorrem no Brasil? Eu não! Sou narrador onisciente.

TRISTE PONTO DE VISTA

Mas, para não dizerem que sou um narrador que só vê um lado da história, vamos ver o ponto de vista da dona da tal voz irritante e autoritária.

Ela estava em uma loja de instrumentos musicais quando tudo aconteceu. Sim, sim, sim. A coisa toda que levou João de Abreu à prisão.

A acusadora se chama Constantina, uma mulher rica de cinquenta anos de idade. Tem o cabelo pintado de ruivo, o que cai bem com sua pele muito branca e seus olhos pretos.

Odeia música, mas queria dar um presente para a filha de um dos clientes de seu marido, pois a menina, apesar de não ter nenhum talento, gosta de tocar saxofone.

Ai, ai, ai. Agora tenho que explicar que o marido de Constantina é um advogado riquíssimo que também defende pessoas riquíssimas acusadas de crimes que envolvem muito dinheiro.

Na hora de Constantina pagar o presente, ela não encontrou, dentro da bolsa, a carteira com os cartões. Vasculhou, vasculhou a bolsa, com suas mãos já meio envelhecidas e com unhas grandes, pintadas com esmalte vermelho.

Ela então falou um palavrão e seus olhos vasculharam o recinto. Havia um velho juiz aposentado, careca, de olhos azuis; havia um

homem de cavanhaque, ruivo, óculos, com uma camisa caríssima.

E João de Abreu. Um homem de quase trinta anos, branco, olhos azuis. Mas o que incomodou a dona Constantina foram o cabelo, que precisava de um corte, e a roupa.

Ah, a roupa. Que horror! O homem usava uma camisa amarela muito surrada, uma calça *jeans* velha pra chuchu e, que horror!, um chinelo velho. Só podia ser ladrão, ela concluiu.

Assim, a partir de uma lógica maluca, Constantina julgou e condenou:

— Foi ele ali!

Porém, assim que chegou em casa, ela descobriu que a carteira estava em cima de uma mesa de cabeceira em seu quarto.

E você acha que ela foi até a delegacia e retirou a queixa? Nã-na-ni-na-nã! Ela concluiu que o homem malvestido acabaria roubando outra pessoa. Então, era melhor ficar preso.

Que horror!

DONA MARICOTINHA

Os meninos e meninas da rua acreditam que dona Maricotinha é velha de mil anos. A verdade é que ela tem muitos, mas não tantos anos assim.

E não é só nos livros, filmes e telenovelas que os personagens têm bordões. Ah, tá bom! Lá vou eu explicar o que é bordão. É uma palavra, ou então uma frase, que alguém gosta de repetir.

Pois então. Não é só na ficção que isso ocorre. Na vida real também acontece. Prova disso é dona Maricotinha, que gosta de repetir:

— Ah, gente, se fosse no meu tempo...

Talvez por isso a garotada acha que ela é velha de mil anos, pois esse tal tempo dela parece muito distante mesmo!

Quando fica sabendo disso, dona Maricotinha ri de muitos dentes.

— Criançada boba! Ninguém vive tanto tempo assim!

— Mas então, dona Maricotinha, quantos anos a senhora tem? — o filho do açougueiro resolve perguntar-lhe.

— Minha mãe disse que é falta de educação perguntar a idade das pessoas mais velhas — fala Chaicovisque e, com um olhar, repreende o amigo.

— Desculpa, dona Maricotinha. Já não está mais aqui quem falou!

— Não tem problema não, Nico. Mas, pra deixar o mistério no ar, só digo que tenho mais de cinquenta e menos de cem.

Logo a notícia se espalha pela rua. E, em uma espécie de assembleia, a meninada bate o martelo em setenta e cinco anos. E acabam-se as discussões a respeito.

Todo mundo gosta de dona Maricotinha. Ela é professora aposentada e cuida da bisneta enquanto a mãe e a avó de Fernandinha trabalham. E, como já sabemos, está cuidando também do Chaicovisque.

Mas ele “é um menino legal”, é o que sempre diz dona Maricotinha para a mãe do garoto. E olha que ela já conheceu muita criança na vida!

Ela se orgulha de ter exercido a função mais nobre do mundo: ensinar a ler e a escrever.

DONA RUTE

João de Abreu está há um mês na cadeia quando Eunice decide pedir ajuda à sogra. Afinal, a defensoria pública parece estar sempre sobrecarregada.

Dona Rute é uma mulher de sessenta anos. Vive sozinha em uma luxuosa casa, e conta com a ajuda de uma empregada e de um motorista. É viúva há quinze anos e não fala com o filho já faz dez.

Pais e filhos, às vezes, não se entendem, e João sempre teve ideias diferentes das de sua mãe. Mas tudo se complicou quando ele decidiu estudar Matemática, em vez de Direito, como sua mãe queria.

E quando João apresentou Eunice à mãe, aí foi a gota-d'água! Ela não podia aceitar que o filho se casasse com uma mulher "do povo". É assim que ela chama as pessoas pobres. E, para completar, era uma mulher "de cor". É assim que ela chama as pessoas pretas.

Porém, como diz dona Maricotinha, o amor sempre vence. João se casou com Eunice, e depois Chaicovisque nasceu, o maior músico brasileiro de todos os tempos. A coisa ruim é que João não conseguiu conciliar a faculdade com o trabalho, e abandonou o curso.

Como sei de tudo isso? É que sou um narrador onisciente. Aquele que sabe de tudo, tudinho mesmo! Então, sei qual vai ser o futuro do Chaicovisque. Mas só te conto o que eu quero.

Dona Rute, com seu ar de dona do mundo, recebe Eunice, em silêncio. Ouve o que ela tem a dizer, em silêncio. E se afasta, em silêncio.

Dois dias depois, João de Abreu chega em casa, abraça a esposa, e os dois choram de emoção. Mas quando Chaicovisque chega da escola, ah, aí é só alegria!

UM MUNDO PEQUENO

Assim que se afastou de Eunice, dona Rute foi para o escritório que pertencera ao seu falecido marido, e dali fez uma ligação para o advogado da família.

Esse tal advogado tem um escritório de advocacia com um monte de advogados que advogam. Então, logo um deles já estava diante do processo judicial aberto contra João de Abreu.

E veja só a coincidência, leitor. Constantina, a mulher com voz irritante e autoritária, é esposa do dono do escritório de advocacia!

Ah, narrador, você só pode estar inventando isso!

Não mesmo! Pode confiar em mim. Eu também fiquei de boca aberta. Cho-ca-do! Este mundo é mesmo pequeno, como diz dona Maricotinha.

Fato é que os advogados advogaram, e João voltou para casa, abraçou a esposa, e os dois choraram de emoção. E quando Chaicovisque chegou da escola, ah, aí foi só alegria!

Mas acho que já contei isso, não contei? Então, me desculpe se repito as coisas. É que tenho muitas histórias na cabeça, e às vezes esqueço que já contei isto ou aquilo.

MAESTRO NICANOR

O advogado de dona Rute vai até a casa de Chaicovisque e deixa um maço de dinheiro com João de Abreu. É a oportunidade que ele tem de se reconciliar com a mãe.

João vai até a casa da mãe e devolve o dinheiro. Mas aceita que ela pague um professor de violino para Chaicovisque, assim que João conseguir comprar o instrumento.

Isso acontece uma semana antes do Natal. E no dia 25 de dezembro, o motorista de dona Rute aparece na casa de Chaicovisque e lhe entrega o grande presente: um caríssimo violino.

Além disso, a avó manda também um celular e um livro sobre a vida do Tchaikovsky russo. O menino fica feliz de orelha a orelha. Sorrisão bonito de se ver! E, dias depois, conhece o maestro Nicanor.

O velho maestro é um poço de sabedoria e mau humor. Mas Chaicovisque é paciente e tolerante, sabe que todos somos diferentes uns dos outros, e que isso é a graça da vida.

Sábio Chaicovisque!

O maestro Nicanor ensina ao menino coisas sobre história da música, mostra como segurar o instrumento, ensina os primeiros acordes e muito mais.

Ele fica impressionado com a concentração de Chaicovisque. O talento do menino é gritante. Nicanor nunca viu algo assim antes. Mas não elogia, pois os elogios enfraquecem, é no que ele acredita.

Logo Chaicovisque se torna uma das pessoas mais queridas do maestro. Mas Nicanor não desce do pedestal jamais. Porém, um dia, não consegue se conter e acaba passando a mão na cabeça do menino, num raro gesto de carinho.

DESAFINAAADO!

Jogar xadrez com seu pai é a coisa de que Chaicovisque mais gosta, depois da música. Mas, apesar de o menino ser um grande adversário, João de Abreu sempre vence.

— Você um dia vai superar o mestre, Chaicovisque — o pai sempre diz, orgulhoso do filho, mas se sentindo o maior enxadrista do mundo inteiro. — Em cada partida, você dificulta ainda mais minhas jogadas.

Chaicovisque sorri para o pai, que nem sabe que o menino o deixa vencer todas as vezes.

Todos os dias, com exceção do domingo, Chaicovisque tem aula de música e violino com o maestro Nicanor. O homem é alto, sério, um rosto vermelho de tão branco, uma cabeleira grisalha, óculos de aros grossos sobre um nariz grande e ossudo.

É difícil o menino encontrar tempo para tudo aquilo que ele gosta de fazer, pois também gosta de jogar futebol, além de ler livros.

Um dia antes de visitar a avó pela primeira vez, Chaicovisque não larga o violino, pois quer impressionar dona Rute.

— Ai, meu filho — diz sua mãe. — Por que você foi logo gostar de violino e música clássica?

Isso é coisa de rico, você devia era cantar e ganhar dinheiro com pagode ou *funk*.

— Isso é preconceito, mãe. Música é música. Não tem nada a ver com riqueza ou pobreza.

— Eu queria que isso fosse verdade, meu filho.

— E eu não sei cantar, mãe. Quer ver?

E desencantou:

— *Alvorada lá no morro, que beleza*
Ninguém chora, não há tristeza
Ninguém sente dissabor
O sol colorindo é tão lindo, é tão lindo
E a natureza sorrindo,
Tingindo, tingindo...

— Chega, Chaicovisque! Cartola ia chorar de tristeza se ouvisse você cantando! Você parece uma gralha com caxumba, meu filho!

O menino cai na gargalhada.

— Eu te falei, mãe. Não dou nem pra bossa nova.

BELA COMPOSIÇÃO

Chaicovisque fica surpreso ao ouvir sua música em um anúncio publicitário. E triste, pois conclui que a canção que ele achava que era dele, na verdade, não era.

O menino acredita que ouviu aquela melodia em algum lugar, ela ficou em sua cabeça, e ele achou que era o seu autor. Ele não sabe, como nós sabemos, o que de fato aconteceu.

Puxa vida! A melodia virou até toque de celular! E nosso Chaicovisque não vai receber nada de direitos autorais. Pode uma coisa dessas!? Isso não é justo.

Porém, ele tem outras músicas em sua cachola de artista e mostra uma para a avó, que, toda durona, faz de conta que não ficou emocionada.

— Bela composição — ela diz, sem entusiasmo. — E você toca violino muito bem.

— Obrigado, vó.

— Por favor, me chame pelo meu nome.

— Tá bem.

— E fale direito. Diga “está” e não “tá”.

Acho que eu já disse que Chaicovisque é um menino muito paciente e tolerante. E, para lidar com a avó, é preciso muito disso aí.

— Eu ainda *estou* aprendendo. O maestro Nicanor me ajudou com a composição dessa música que acabei de tocar.

Eles estão na sala de visitas da casa de dona Rute.

— Aquele é meu avô? — pergunta Chaicovisque, enquanto aponta o dedo para uma pintura na parede.

Por um momento, a frieza da avó dá lugar a um raro sorriso.

— Sim, é o meu marido.

— Acho que meu pai se parece mais com a senhora.

— Também acho. Mas tem a personalidade do meu marido.

UM GRANDE HOMEM

Dona Rute é uma mulher de gestos contidos e poucos sorrisos. Está sempre com um vestido discreto e impecável. Tem o cabelo preso em um coque. Não usa maquiagem, apenas hidratante.

Caminha, com seu porte marcial, até a pintura e, de costas para o neto, afirma:

— Foi o melhor médico que este país já teve.

— Posso fazer uma pergunta?

Ela se vira para o neto:

— Por suposto que sim.

— O que é ser um bom médico?

A mulher enruga a testa.

— Está aí uma pergunta curiosa. E vou fazer como o meu marido fazia. Vou devolver a pergunta. O que é ser um bom médico, Chaicovisque?

O menino não demora muito para responder:

— Acho que ele precisa ser paciente, calmo, saber ouvir e, principalmente, gostar das pessoas, querer que elas fiquem bem, sem importar se elas são pobres ou ricas.

Os olhos de dona Rute brilham. Porém, ela jamais chora na frente de alguém.

— Você acaba de descrever o seu avô, Chaicovisque.

O garoto sorri.

— Então, ele devia ser um grande homem.

Ela fica pensativa e depois fala:

— E meu filho também seria, se tivesse feito faculdade de Direito. Eu queria que ele fosse um bom juiz.

Chaicovisque enruga sua testa de artista e pensador.

— O que é ser um bom juiz?

A avó não precisa falar nada, Chaicovisque entende que ela vai devolver a pergunta.

— Acho que um bom juiz — diz o garoto — é como um bom médico. Precisa ser paciente, calmo, saber ouvir e, principalmente, gostar das pessoas, querer que elas fiquem bem, sem importar se elas são pobres ou ricas, culpadas ou inocentes.

— Mas criminosos precisam ser punidos.

— Sim, mas sem crueldade.

— Crueldade?

— A senhora já viu o lugar onde os presos brasileiros ficam? E a senhora sabe como eles são maltratados? As pessoas precisam de um mínimo de dignidade, é o que minha mãe sempre diz. Perder a liberdade já é punição suficiente.

LIÇÃO DE IGUALDADE

Avó e neto vão para a sala de jantar, onde Chaicovisque cresce o olho sobre uma mesa repleta de guloseimas. Como qualquer menino pobre, ele tem o olho maior do que a barriga.

Maria, a empregada, despeja o chá na xícara da patroa. Porém, quando vai fazer o mesmo com o menino, Chaicovisque se levanta.

— Não precisa, Maria. Eu mesmo faço isso. Não preciso de ajuda. Muito obrigado.

Maria fica sem saber o que fazer. É empregada nessa casa há dez anos, e nunca ninguém se comportou dessa forma. Ela olha para a patroa e percebe que dona Rute está bastante chateada com a atitude do neto.

Chaicovisque, no entanto, já encheu a xícara com chá misturado ao leite e come um delicioso biscoito, enquanto fecha os olhos de prazer.

Dona Rute faz um sinal com a mão, e a empregada vai para a cozinha.

— Maria só está fazendo o trabalho dela, Chaicovisque.

O menino sorri antes de falar:

— Não preciso de ajuda, dona Rute. Como diz minha mãe, sou um menino independente e capaz.

Como Chaicovisque é educado! A verdade é que ele acha que ninguém é superior a ninguém e, por isso, ninguém deveria ser servo de ninguém. Afinal, uma pessoa pode encher a própria xícara! Mas ele não joga isso na cara da avó.

— Você me lembra seu avô, ele jamais aceitava ser servido. Era um homem muito independente!

Agora Chaicovisque aprecia um delicioso pudim de leite.

— Você devia terminar seu chá antes de comer pudim.

— Perdão, dona Rute. Mas este pudim está dos deuses!

A mulher levanta uma sobrancelha, incomodada com a expressão “dos deuses”, que o garoto herdou da mãe. E, enquanto Chaicovisque pega um pedaço de queijo, ela recorda o marido:

— Seu avô nasceu pobre. Mas, com muito esforço, conseguiu se tornar um médico muito famoso e ganhou muito dinheiro. Então, ele tinha ideias que nunca consegui entender, pois nasci rica.

O menino balança a cabeça, em sinal de que está atento às palavras da avó, enquanto come mais um pedaço de pudim.

— E por isso eu não me dedicava aos estudos, porque achava que só precisava estudar quem era pobre. Então, nunca fiz uma faculdade. E quando meu pai perdeu todo o dinheiro...

Chaicovisque arregala os olhos.

— A senhora ficou pobre!?

— Sim. Então conheci seu avô. E confesso que, no início, eu não tinha bons sentimentos por ele. Mas me casei, pois ele era um médico promissor e estava apaixonado por mim. Então, aprendi a amá-lo com o tempo.

OS MELHORES

Nico e Chaicovisque brigam mais uma vez. Mas agora o motivo é outro. É que Chaicovisque decide ser vegetariano, pois é contra a matança e tortura de animais.

— Se você não come carne, Chai, e se ninguém mais come carne, Chai, meu pai vai à falência!

— Deixa de ser burro, Nico! As outras pessoas não vão deixar de comer carne só porque eu parei.

— Não, Chai, isso não pode ser. Você é ou não é meu amigo? Se parar de comer carne, vai prejudicar meu pai, e isso não pode ser.

— Nada a ver.

— Olha só, Chai. Enquanto você for vegetariano, eu não falo mais com você, ouviu? Não falo mais com você!

E é assim que a amizade entre os meninos realmente chega ao fim.

Nesse mesmo dia, Chaicovisque tem uma conversa séria com o pai.

— Pai, tenho que te dizer uma coisa e preciso que você não fique chateado comigo.

— Ah, meu filho, eu nunca vou ficar chateado com você.

— Promete?

— Prometo.

— Então, lá vai. Não acho mais que o Tchaikovsky é o maior músico de todos os tempos.

O pai fica em silêncio por uns segundos e depois pergunta, sério:

— E por que mudou de ideia?

— Porque conheci Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha e Villa-Lobos.

— Entendo.

— Não está decepcionado?

— Você é um nacionalista, meu filho, e quer valorizar os músicos da terra, isso é bonito.

Chaicovisque enruga sua testa tão lisinha.

— Não é isso, pai. É que eles realmente são melhores do que o Tchaikovsky.

Pai e filho estão sentados no sofá da sala. O pai se levanta e, antes de sair, diz assim:

— Não vamos brigar, meu filho, não vamos brigar.

UM POSSÍVEL FINAL FELIZ

No último dia de Chaicovisque naquele bairro, ele decide tocar violino para a vizinhança. Mas peraí, narrador. Último dia!?

Não falei? Ai, sou um narrador muito esquecido. Pois é. O maestro Nicanor conseguiu uma bolsa para Chaicovisque estudar música na Espanha! O pai e a mãe também estão de mala e cuia prontas.

Chaicovisque sobe no telhado. Ah, eu sei, isso não é muito original. Aliás, um amigo narrador já usou tal recurso em outro livro. Mas a vida não é original, leitora e leitor, não, a vida não é original. E eu já disse que esta história é real, não uma ficção. Acho que já disse, né?

O menino Chaicovisque, durante meia hora, toca músicas de Tchaikovsky. Prefere compositores brasileiros, mas quer agradar ao pai, que lhe deu o nome do compositor russo.

As pessoas param para ouvir, algumas acham engraçado, e outras odeiam música clássica. Mas o açougueiro fica emocionado, chora e comenta com dona Maricotinha que vizinhos melhores não há!

A vida dura dessa gente para, enquanto a música alimenta o sonho. E todos admiram o

menino músico, com seu enorme e belo cabelo *black-power*.

Depois, Chaicovisque desce do telhado e se despede mais uma vez dos amigos, mas Nico não está presente. Os pais também dizem adeus aos vizinhos. João de Abreu tranca a casa e dá as chaves a dona Maricotinha, que vai entregá-las à dona do imóvel.

A família de três entra no carro que dona Rute mandou, com motorista e tudo, e parte rumo ao aeroporto.

Agora, só posso dizer que foram felizes para sempre, pois meninos como Chaicovisque também merecem um final feliz.

PAI E FILHO

Eu sei o que parece. Mas a história não acabou. Decidi continuar o relato, pois não posso deixar Chaicovisque agora, ainda não estou pronto. Então, vamos dar um pulo no tempo. Agora ele tem dezesseis anos de idade. É mês de agosto.

Ele e o pai estão de malas prontas para voltar ao Brasil. Antes, porém, decidem fazer uma viagem de carro pela França. O pai dirige, enquanto Chaicovisque tem fones de ouvido afundados dentro das orelhas, e ouve *rap*.

Não tem mais o *black-power* faz dois anos, quando raspou a cabeça e não deixou mais o cabelo crescer. Não tem mais a doçura de antes, mas o mau humor de um velho amargurado pela dura existência.

Ai, ai, o narrador está caminhando para uma narrativa depressiva e pesada! “Não, não, não!”, protestam o leitor e a leitora, com vontade de abandonar o livro. Porém, resolvem dar mais uma chance.

Desculpe, leitora e leitor, se não gostam muito de pensar e lidar com coisinhas desagradáveis. Só lhes digo que ainda não é hora. Eu me equivoquei, transferi minha amargura para a vida alheia.

Não há amargura em Chaicovisque, ainda não. É coisa da idade. O mau humor, o desejo de liberdade e solidão. O tédio! Ah, o tédio. Ele quer que algo mágico aconteça, que sua vida não seja medíocre, mas superespecial. É coisa da idade, situação que adolescentes e velhos compartilham.

Enquanto dirige, o pai toca na perna do filho para chamar-lhe a atenção. Chaicovisque tira um dos fones de ouvido e, com a testa enrugada, olha para o pai, que pergunta:

— Está com fome?

Chaicovisque levanta um dos ombros para dizer que não sabe. E o pai tem vontade de gritar: “Como alguém não sabe se está com fome!?”. Mas mantém a paciência, pois também já foi adolescente e está caminhando para a velhice.

Em um restaurante de beira de estrada, Chaicovisque e o pai almoçam. O rapaz, na verdade, só come batatas fritas e toma coca-cola, e isso não é bem um almoço. Eles não conversam, pois Chaicovisque não tira os fones de ouvido.

Até que um pai e um filho sorridentes entram no restaurante, e o tédio de Chaicovisque faz puft!... É que algo novo está no ar.

DIDIER

Os dois estão no banheiro do restaurante. Não, leitor sacana, não é nada pornográfico. Chaicovisque está fazendo xixi, e Didier também. Ninguém olha para a coisa do outro não. Estão lavando as mãos, quando Didier fala:

— De que música você gosta?

Então Chaicovisque diz, em espanhol:

— Não falo francês.

Didier sorri e diz:

— Eu falo espanhol!

Que sorriso encantador! Eu noto, e Chaicovisque também. Eu não sinto nada além de encantamento, mas Chaicovisque sente aquele frio na barriga e aquele calor lá na coisa dele.

Aí o leitor sorri!

Chaicovisque apenas está sentindo uma coisa boa, leitor sacana. Ainda não sei aonde isso pode levá-lo. Minto descaradamente. Eu sei, pois sou um narrador onisciente, lembra?

Mas, como sempre, prefiro não dizer o que sei. Talvez no momento certo, talvez nunca. Ah, seja paciente, porque já estou perdendo a paciência com você. Deixa eu contar a história, *hermano*!

Chaicovisque, já faz uns dois anos, chama todo mundo de "*hermano*". E também gosta de

usar a expressão “¡*de lujo*!”, que, numa tradução livre para o português seria algo como “muito bom!”, mas é claro que cada expressão tem seu sentido peculiar.

Aliás, antes de continuar este meu relato, é bom dizer que decidi escrever os diálogos, entre Chaicovisque e Didier, em português. Afinal, este livro está sendo escrito para leitoras e leitores brasileiros. Quando for traduzido, os tradutores que se virem.

Didier é um garoto de quinze anos. Tem cabelo louro e olhos azuis. É magro e tem aquele olhar melancólico dos franceses. Mas ele não é de todo francês. A mãe é espanhola, então ele é bilíngue, fala dois idiomas. Ele e Chaicovisque conversam em espanhol.

— O que você perguntou?

— Vi que você estava com um fone de ouvido, então perguntei de que música você gosta.

— Ah! Gosto de *rap*.

— Legal. Eu também!

Chaicovisque sorri. Mas Didier não sente o frio na barriga, nem o calor lá naquele lugar. Não, sente apenas simpatia. E já é um ótimo começo.

— Ah, meu nome é Didier.

— Eu sou Chaicovisque.

— Como o cara da música clássica?

— Mais ou menos.
— Você não é espanhol, é?
— Brasileiro.
— Notei o sotaque.

¡*DE LUJO*!

Quando saem do banheiro e entram no restaurante, os dois rapazes se olham e caem na gargalhada. Isso porque percebem que seus pais também se tornaram amigos. E a coincidência lhes parece cômica.

Os pais conversam em espanhol, e ambos são fãs de xadrez. Logo surge o convite para que Chaicovisque e João de Abreu passem uns dias na casa do pai de Didier.

João olha para Chaicovisque, que concorda com um movimento de cabeça. De repente, o rapaz se sente extremamente feliz. Enquanto Dominique, o pai de Didier, dirige à frente, o carro de João o acompanha na bela estrada pavimentada, cercada por um verde só possível na França.

Dominique é um homem alto e corpulento. Louro, de olhos azuis. Tem uma voz possante e uma alegria nata. Suas gargalhadas são constantes e contagiantes. João e ele parecem amigos de infância.

A casa é grande, bastante espaçosa. Possui três quartos. Dominique mora com Amélie, sua segunda esposa. Ela está de viagem na Itália e só volta em um mês.

É uma bela tarde de verão. Didier sobe em sua bicicleta e empresta a bicicleta de Dominique a Chaicovisque. Eles pedalam por uma estrada de chão, em um bosque, e param perto de um lago. Sem falar nada, entendendo-se apenas com olhares e gestos, eles tiram toda a roupa e pulam na água.

Chaicovisque sente a água em seu corpo nu. Está deliciosamente fria, mas logo o corpo se acostuma. Os dois riem, enquanto nadam e jogam água um no outro, essas coisas que todo mundo faz quando entra em um lago por diversão.

Depois eles sobem no píer e ficam ali deitados sob o sol, pelados e felizes. E o silêncio entre eles é bom, podem simplesmente curtir o momento. Até que Chaicovisque diz:

— ¡*De lujo*!

Didier cai na gargalhada.

— Está rindo de quê?

— Do seu sotaque.

— Não sei do que está falando.

— Nunca vai saber, só se nascer de novo e for criado na Espanha.

— Você mora lá ou aqui?

— Agora estou aqui, com meu pai. Mas o ano passado, morei lá com minha mãe. Tenho duas casas. Um ano aqui, outro ano lá.

— Deve ser divertido.

— É bom.

— E você gosta mais de ser espanhol ou francês?

— Acho que gosto dos dois.

— Mas se tivesse que escolher?

Didier pensa um pouco antes de responder:

— Acho que sou mais francês do que espanhol. Então, ficaria por aqui mesmo.

— ¡*De lujo*!

ELES & ELA

Sophie é uma moça preta e bela. Parece ainda mais alta com seu cabelo crespo rumo ao céu. Olhos grandes e pretos. Nariz proeminente. Lábios carnudos e sorriso branco. Usa um vestido curto, de alcinha, que destaca suas ancas largas e seus seios pequenos.

Chaicovisque pega a roupa e se veste quando Sophie se aproxima deles no píer. Mas Didier continua nu e faz as apresentações. Chaicovisque não gosta da forma que Sophie olha para Didier, a cumplicidade entre os dois é mais do que amizade.

— Ele saiu ontem, Didier, e ainda não voltou.

— E você tentou entrar na casa?

— Até tentei, mas está bem trancada.

— Do que vocês estão falando? — pergunta Chaicovisque a Didier.

— Outro dia, Sophie e eu ouvimos uns barulhos estranhos na casa do vizinho esquisito dela. A gente acha que ele mantém algum refém lá.

Didier está decidido quando diz para Sophie:

— Vamos lá agora? Garanto que consigo entrar na toca do lobo.

Não espera resposta. Veste a roupa e corre rumo às bicicletas. E, desde que conheceu Didier,

é a primeira vez que Chaicovisque se sente excluído. Tudo por culpa da tal Sophie.

Ela e Didier vão à frente, cada um em sua bicicleta. Tagarelas, parecem ignorar Chaicovisque, que os segue atrás, em silêncio e mal-humorado. Param em frente ao portão gradeado da casa. O cachorro só tem tamanho, é manso feito um cordeirinho. Ele conhece o cheiro de Sophie e gosta dela.

“Todo mundo gosta de Sophie!”, pensa Chaicovisque, com ironia e amargor no pensamento. Estava tão bom ter um amigo só para si. Mas tinha que aparecer uma Sophie para estragar tudo.

Didier e Sophie pulam o portão depois de mandar Chaicovisque ficar de vigia. Se aparecer alguém, ele deve assoviar. Ficam lá dentro uns dez minutos e voltam frustrados, pois não conseguiram entrar nem ouviram nada suspeito vindo do interior da casa.

Mas Chaicovisque está descrente de tudo isso. Provavelmente, Didier e Sophie só queriam trocar uns beijos. E se fosse? Qual o problema? Está um pouco confuso. É a primeira vez que sente algo especial por um rapaz.

Não faz nem vinte e quatro horas que conheceu Didier, e já está imerso em sentimentos contraditórios. Ninguém nunca lhe causou tanta

perturbação em tão pouco tempo. E isso o assusta um pouco e, ao mesmo tempo, provoca-lhe uma inusual alegria.

— Algum problema, Chai? Posso te chamar de Chai, não posso?

— É assim que meus amigos me chamam.

— Então posso — diz Didier e sorri lindo. — Tem algum problema?

Chaicovisque ensaia um sorriso.

— Nada. Sou meio tímido às vezes.

— Sophie provoca isso nos rapazes.

Ao dizer isso, ele olha de um jeito peculiar para Chaicovisque, como se quisesse ler a mente do amigo. Mas Chaicovisque já aprendeu a ser impenetrável.

UM *GAY* EXEMPLAR

Sophie foi criada pelo seu tio-avô. Gustave é um homem preto de aproximadamente sessenta anos de idade. É muito magro e alto a ponto de a maioria das pessoas precisar olhar para cima para conversar com ele, quando Gustave está de pé.

Sua casa é cercada de árvores e rosas. Gustave está sentado, na varanda, em uma cadeira de praia. Um chapéu branco de longas abas cobre sua cabeça raspada. Usa uma sandália preta. E sua calça e camisa são de um leve tecido. Calça amarela e blusa cor-de-rosa.

Quando Sophie apresenta o novo amigo, Gustave diz:

— Igual ao músico russo?

E solta uma gargalhada.

— Mais ou menos — responde Chaicovisque.

Aqui preciso dar mais explicações para o leitor e a leitora sem imaginação. Sophie fala apenas francês, e precisa de Didier para traduzir o que diz Chaicovisque. Já Gustave, viveu na Espanha durante cinco anos em companhia de um lindo espanhol com quem teve uma linda história de amor, que acabou mal, como a maioria das lindas histórias de amor.

Isso foi antes do nascimento de Sophie. E Gustave aprendeu a falar espanhol. Por isso, pode se comunicar perfeitamente com Chaicovisque:

— Mas você não é espanhol, é?

— Brasileiro.

— Amo brasileiros! Já tive vários amantes verdes e amarelos. Como são vigorosos! Melhores do que os espanhóis. Os espanhóis são tragicamente passionais. Mas os brasileiros são passionais sem serem trágicos, de forma que um tapa pode até ser um carinho.

— Meu tio e seus amores! — diz Sophie, com um sorriso doce, após Didier traduzir tudinho para ela.

Então Gustave convida os rapazes para jantarem com eles. É um ótimo cozinheiro. Com Gustave, tudo vira festa. Mais tarde, os quatro vão para a cozinha e, enquanto ouvem as inúmeras histórias do “tio Gustave”, ajudam-no a cozinhar.

Chaicovisque sente muita simpatia por Gustave. E seu mau humor dos últimos tempos só dá sinal de vida quando ele vê Didier e Sophie com segredinhos. Ele não entende as coisas que vem sentindo desde que viu o sorriso de Didier pela primeira vez.

— Sempre fui um *gay* exemplar! — exclama Gustave, em espanhol, enquanto jantam sentados a uma mesa. — Politizado. Lutei e luto pelos

direitos ele-gê-bê-tê-quê-i-a-mais. Todos os anos participo da Parada. Leio livros e vejo filmes com temática *gay*. E amo ser o que sou. Entendo perfeitamente a expressão “orgulho *gay*”.

UM ANJO SEM CULPA

Quando Chaicovisque entra no quarto de Didier, enrolado em uma toalha, para e fica admirando o amigo adormecido. Didier está sem camisa e usa apenas um xorte vermelho. E Chaicovisque começa a ter uma ereção. Desvia o olhar. Abaixa-se para pegar uma roupa limpa na mala sobre o chão.

— Você gostou de Sophie? — pergunta Didier.

De costas para o amigo, Chaicovisque diz:

— Pensei que estava dormindo.

— E estava. Mas tenho sono leve. Acordei com o barulho do zíper da sua mala.

Silêncio, enquanto Chaicovisque se veste, ainda de costas.

— Então? Gostou ou não gostou?

— Parece legal.

— Só isso?

— Vocês se conhecem há muito tempo?

— Desde os três anos de idade.

Não há como competir com uma amizade tão longa, pensa Chaicovisque.

— Hum...

— Você não é muito falante, né?

— Gosto mais de ouvir do que falar.

— *Okay*.

E Didier, como um anjo sem culpa, adormece novamente.

Chaicovisque desce até a sala, onde os pais jogam xadrez. Ele se senta em um sofá e fica observando.

— Meu filho é um campeão de xadrez — João fala e olha orgulhoso para Chaicovisque. — Ele nunca competiu. Mas é o melhor.

Chaicovisque solta a respiração, em um quase imperceptível gesto de impaciência. Ultimamente, quase tudo em seu pai o irrita.

— Onde está Didier? — pergunta Dominique.

— Dormindo — responde Chaicovisque.

Enquanto os homens jogam, Chaicovisque pensa na vida. Logo vai estar no Brasil. Não está animado. Quer ficar na Espanha, mas agora só tem o pai, e o pai só tem a ele, precisam se apoiar.

Então começa a fantasiar. E se ele ficar aqui, morando com Didier? Logo a imagem da sorridente Sophie surge em sua mente. Tenta apagá-la, para o bem da ilusão.

Só ele e Didier, sozinhos na França, como dois irmãos inseparáveis. Amigos para toda a vida. Camaradas para o que der e vier.

O pai o acompanha até o quarto de Didier.

— Não quer dormir lá no quarto de hóspedes comigo?

— Não, pai, Didier é meu amigo. Já combinamos de dividir o quarto.

João dá um beijo na bochecha do filho.

— Boa noite, meu filho.

— Boa noite, pai.

O MUNDO É UM ARCO-ÍRIS

Este narrador que vos fala, por estar muito cansado, decidiu dar a palavra para o Gustave neste capítulo. E como isto aqui é literatura, a mágica da criação permite que o relato de Gustave esteja em português, em uma espécie de tradução simultânea. Então, até logo.

Quando nasci, o mundo já era um arco-íris, mas todos o viam em preto e branco. Logo meus olhos conseguiram perceber a diversidade e se encantaram com isso. As diversas cores do mundo é que o fazem interessante.

Meus amigos de infância conviviam apesar das diferenças. Jules era um menino preto, magricela, de voz esganiçada, óculos e andar de menina. Inteligente que só ele.

Catherine era o contrário, uma menina branca, gorducha, de voz autoritária e andar de menino. Menos inteligente do que o Jules, mas esperta como ninguém, sabia se sair bem em situações estressantes.

Já o Augustin acreditava em deus, tinha uma religião e muito medo de ir para o inferno. Enquanto eu, era um menino ateu, mal-humorado e não levava desaforo para casa.

Éramos amigos. E é fácil de imaginar que, em um mundo de gente que vê em preto e branco,

esse arco-íris que era nossa amizade fosse visto com estranheza, preconceito e até agressividade por certa gente adulta.

O tempo passou e entramos na adolescência. O Jules foi embora do subúrbio, depois Catherine. Restamos apenas Augustin e eu. Ele ficava de pau duro com minha bunda, me comeu e depois se matou de tanta culpa.

Não estou sendo metafórico, ele se matou mesmo, tomou veneno de rato, com esperança de ser perdoado e entrar no céu cristão. Foi quando decidi que não valia a pena esconder o que eu era.

Deixei o mau humor de lado e coloquei a máscara da felicidade. Relaxei, e foi como se um bloco de granito fosse tirado de dentro de mim, meus movimentos ficaram leves e femininos.

Fui embora para Paris, onde o arco-íris podia competir com o sol. Eu era lindo! Os homens faziam fila para comer o meu rabo. Por um tempo, ganhei uma grana com a prostituição. Mas conheci a cocaína, então a coisa degringolou.

Quando consegui sair do lodo, recuperei parte da beleza que eu tinha, vendi meu corpo por mais uns anos, juntei dinheiro e abri um bar *gay*. O mais frequentado da cidade.

Deu muito certo. Comprei esta casa onde vivo agora e fui precavido, poupei e garanti minha

aposentadoria. Quando Sophie veio morar comigo, uma coisinha pequena de três anos de idade, me apaixonei. Sou um tio-pai, já que essa minha sobrinha é como se fosse uma filha.

Já queimei quase toda a minha vela. E agora que minha festa está chegando ao fim, percebo que pouca coisa mudou no mundo. Ele continua a ser um grande arco-íris, mas a maioria de seus habitantes ainda o vê em preto e branco.

O AMERICANO

Estou de volta, nem deu tempo de sentir saudade, né? Vamos deixar Gustave com suas lembranças e nos preocupar com os garotos. Eles correm perigo, eu acho. Acho mesmo! Essa mania de adolescentes entediados de meter o nariz onde não são chamados nunca acaba bem.

O vizinho estranho de Sophie nem parece francês, mas sim um americano ignorante e racista. É um homem branco, de aspecto desagradável. Vive mascando tabaco e cuspindo. Todo dia de manhã, ele fica na varanda de sua casa, sentado em uma cadeira de balanço, e mantém um rifle encostado na parede.

Os três adolescentes passam diante da casa do vizinho mal-encarado.

— Ele dá medo! — diz Chaicovisque.

Sophie afirma:

— Dizem que é um americano racista e homofóbico.

Ele é mesmo americano! Eu disse que sou um narrador onisciente, não disse? E não menti. É que, às vezes, deixo a onisciência de lado para me sentir menos deus e sair do tédio!

— E por que vocês ficam invadindo a casa do cara? — pergunta Chaicovisque. — Se ele é esse

monstro mesmo que parece ser, é melhor deixá-lo em paz ou chamar a polícia.

Sophie arregala os olhos, indignada.

— Pode ter alguém preso lá na casa desse fascista. Imagina se fosse você lá, não ia querer ser ajudado?

— Me desculpa, mas pelo que sei, vocês apenas *acham* que pode ter alguém lá. O que levou vocês a concluírem isso?

Sophie fica em silêncio.

— Vocês apenas estão sendo movidos pelo preconceito. O homem parece um monstro, e vocês concluíram que ele está fazendo alguma coisa monstruosa.

— Mas... — Sophie quer contestar; porém, não tem nenhum argumento. — Não vou mais com vocês.

Ela dá meia-volta e retorna à sua casa.

Os dois garotos caminham sozinhos agora.

— Ela ficou com raiva, Didier?

— Ah, não se preocupe. Ela é assim mesmo.

— Mas falei alguma mentira?

— Não, você tem razão.

— E por que não me apoiou?

Didier não responde.

— Você gosta dela, né?

— Chaicovisque, somos amigos há muitos anos. E não posso deixar que ela se meta nessa história sozinha. Só quero protegê-la.

Já que Sophie não vai ao lago com eles, Didier decide mostrar a cidade a Chaicovisque.

— Hoje vou te dar um dia de turista! — promete o amigo francês.

TÚMULOS DE HERÓIS

Sophie não consegue estragar o dia dos rapazes. Pelo contrário, a sua ausência é o deleite de Chaicovisque. Agora ele tem Didier só para ele. Os dois estão felizes. Apesar de se conhecerem há tão pouco tempo, sentem aquele bem-estar de quando encontramos a verdadeira amizade.

Cada um, em sua bicicleta, faz zigue-zague pela lisa rodovia vazia. Apostam corrida e riem, divertidos. Nessa manhã, há uma leve brisa no ar, o que torna a vida mais agradável. Param à beira da estrada.

— Esta cidade é quase morta, Chai. Nesta estrada, passa um carro de vez em quando. Ouve só, fica em silêncio.

Eles não falam, só ouvem o nada, um silêncio que chega a doer nos ouvidos. Até que um barulho distante de motor quebra o silêncio e, depois, um motociclista passa zunindo por eles.

— Está vendo aquelas árvores ali? — Didier aponta para um ponto do bosque próximo à rodovia. — Existem três túmulos de soldados desconhecidos que morreram durante a Segunda Guerra Mundial.

— Quero ver!

— Não tem medo dos mortos? — pergunta Didier, com um sorriso a dançar em seus belos e jovens lábios.

— Não mesmo!

— Imaginei.

Eles levam as bicicletas até certo ponto do bosque e as encostam em uma grande árvore. Depois dão alguns passos até as três sepulturas. Perto delas, há um monumento, com uma grande placa onde está um poema em francês dedicado aos três desconhecidos.

— O que diz o poema?

— Ah, fala que os bravos merecem a eternidade depois de realizarem suas grandes façanhas. Diz que a vida é um vale de lágrimas, que o sofrimento só pode terminar com a morte e, então, vem a eternidade. E termina dizendo que os bravos soldados estão agora sob as mãos generosas de deus.

— Besteira!

Didier olha para o amigo.

— O que é besteira?

— Tudo, ué! A vida, a guerra, a morte e deus!

— Você não acredita em deus!?

— E você sim?

— Claro que sim!

— Eu não.

Didier sorri antes de dizer:

— Também acredito em Papai Noel, no Coelhinho da Páscoa...

— Seu filho de um cão! Também não acredita em deus, né?

— Não, mas acredito no *dahu*.

— Quem é esse aí?

— É um tipo de cabra que ninguém nunca viu! Então, se alguém te chamar pra caçar o *dahu*, não vá! Essa pessoa tem a intenção de te deixar sozinho nas montanhas. E disso você deve ter medo.

CIDADEZINHA FRANCESA

Ficam em silêncio diante dos três túmulos. Até que Didier diz:

— Que coisa triste. Ir pra uma guerra, morrer nas mãos dos nazistas e agora ser apenas uns ossos desconhecidos.

— E como as autoridades francesas têm certeza de que são franceses? E se são alemães?

— Aí fizeram um poema em homenagem a três nazistas desgraçados.

— E se desenterrassem esses ossos e fizessem um exame de dê-ene-a?

— Acho que não querem desenterrar o passado.

Caminham de volta às bicicletas e, depois, à rodovia, enquanto Didier conta histórias sobre a invasão nazista na França.

Já estão no centro da cidadezinha, montados em suas bicicletas, quando Chaicovisque toma a palavra:

— Então, depois Charles de Gaulle subiu ao poder.

— Acho que sim, não me lembro das datas exatas. Mas acho que ele só se tornou presidente na década de sessenta.

— Esses militares desgraçados são uma ameaça pro mundo.

— Mas então veio aquele lance de sessenta e oito.

— Que lance foi esse?

— Maio de mil novecentos e sessenta e oito. Protestos que tomaram toda a França. Depois disso, de Gaulle renunciou, mas seus comparsas continuaram no poder.

— E a gente falando mal dos nazistas.

Perto da praça central, há uma bonita sorveteria, com mesas na calçada. A dona é uma mulher gorda e sorridente. Loura, com bochechas vermelhas.

Os rapazes se fartam de sorvete, enquanto admiram a pasmaceira do lugar. Uma moto, um carro e depois um cachorro passam pela praça. Antes de darem a última bocada no sorvete, um menino também passa, correndo, não se sabe por que ou para onde.

Deixam as bicicletas trancadas perto da sorveteria e seguem a pé.

— Ali é nosso cinema.

Vão até lá. Está fechado. Mas dois cartazes anunciam os filmes das duas sessões de amanhã. Um filme de ação americano e uma comédia francesa.

— Hoje não tem sessão.

— Que pena! — lamenta Chaicovisque. — Eu queria ver essa comédia.

— Mas você nem fala francês!

— Você traduzia pra mim!

Didier dá uma deliciosa gargalhada juvenil.

— Já estou até imaginando.

Caminham mais um pouco e param diante de um pequeno prédio.

— Aqui é nosso pequeno museu.

— Que curioso! Tem museu aqui?

— Quer entrar? É só colocar umas moedas naquela caixa ali.

Entram. Mas não há muito o que ver: uma armadura da Idade Média, um livro antigo atrás de um vidro e uma múmia.

— Como essa múmia veio parar aqui? — pergunta Chaicovisque.

— Diz-que o francês que usava essa armadura roubou a múmia no Egito.

— E o livro também?

— Não, o livro foi roubado em Roma.

— Quando?

— Na Idade Média. Aí fica dentro dessa sala climatizada.

Chaicovisque olha para Didier, e os dois começam a rir. Saem do museu às gargalhadas, alegres como se não houvesse amanhã.

CEMITÉRIOS

Entram no cemitério da cidade. Apesar de não se comparar aos cemitérios de Paris, nem em dimensão, nem em aspectos estéticos, vale ser apreciado. Uma ou outra sepultura apresenta bela arquitetura e... chega! Não sei do que estou falando.

Não vou fingir que entendo da arte dos cemitérios. É, leitor e leitora, também tenho meu poço de ignorância. Mas você não disse que é onisciente, narrador? É o que diria uma leitora chata e encrenqueira. Só posso lhe dizer o seguinte: não confie muito em mim.

— Vocês franceses tratam os cemitérios como pontos turísticos, né?

— E vocês brasileiros não?

— Não mesmo! Cemitério no Brasil é lugar de tristeza, más lembranças, superstições. E a maioria não tem a beleza dos cemitérios parisienses.

— Já foi a algum cemitério de Paris?

— Não, mas ouvi falar.

— Meu pai é um fã de cemitérios. E me levou a todos. Vi o túmulo de Oscar Wilde no Père-Lachaise.

— Mas Wilde não é irlandês?

— Sim! Mas morreu aqui na França, com um nome falso, porque tinha sido preso na Inglaterra por ser *gay*. Ah, Édith Piaf também está nesse cemitério. Meu pai adora Piaf!

— Quem sabe um dia você me leva lá — diz Chaicovisque, com real esperança.

— Eu ia gostar de te mostrar as árvores, as esculturas, os túmulos. É uma aula de história, Chai.

— Estou vendo que o gosto por cemitérios é uma característica da família.

— Este aqui nem se compara. Mas olha aquele anjo ali na sepultura de *monsieur* Gagnon. Meu pai insiste que ele possui traços barrocos.

— Didier, só entendo de música e gosto de literatura. Fico até com vergonha de falar com você. E prometo que vou aprender mais sobre as outras artes.

Chaicovisque para e olha para o anjo na sepultura de *monsieur* Gagnon.

— O que foi?

— Didier, não sei explicar, mas é como se eu te conhecesse há séculos.

Didier sorri.

— Também sinto isso — fala, e seu sorriso é cativante.

— Pois então, já te considero um amigo, Didier. Então vou te dizer algo que não contei a meu pai.

— Pode falar.

— Vou abandonar a música.

Didier retoma a marcha, e Chaicovisque o segue.

— Nunca te ouvi tocar, Chai. Então nem sei o que dizer. Mas ouvi seu pai contar pro meu que você é um tipo de garoto prodígio, que aprendeu violino rapidamente, como se já nascesse sabendo. Ele disse que você teve um desenvolvimento que alguns músicos só conseguem com décadas de estudo.

— O que você quer dizer com isso?

— Se seu pai está certo, você vai jogar um talento fora, um talento pelo qual muitos até venderiam a alma ao diabo (se ele existisse) — Sorri. — E você vai jogar tudo no lixo? Não estou criticando. Só acho estranho alguém jogar fora o próprio talento.

Chaicovisque fica pensativo e depois comenta:

— Todos os pais acham que os filhos são perfeitos. Não leve o que meu pai disse a sério.

— Essa é uma verdade mentirosa, Chai. Os pais conhecem os defeitos dos filhos. Alguns

jogam na cara, outros escondem, e outros mentem pros filhos, não pra estranhos.

E os dois amigos continuam o *tour* pelo cemitério, mas em silêncio, enquanto ouvem os passarinhos e convivem com a serenidade da morte.

SOPHIE MORRE

No terceiro dia, parece que não há mais nada para fazer. Chaicovisque já conhece a cidade, e nem se sente mais turista. Então, os dois amigos ficam zanzando pra lá e pra cá. Quando Didier vê que Chaicovisque está concentrado na leitura de um livro, decide ir até a casa de Sophie.

Três horas depois, aparece. Chaicovisque está na sala, joga xadrez com o pai de Didier. E olha para o amigo, com um ódio mortal por ter sido abandonado. Mas os olhos de Didier estão arregalados.

— Didier, seu amigo é um gênio do xadrez! — diz Dominique.

Com um gesto de cabeça, Didier chama o amigo até o quarto. Vai na frente, enquanto Chaicovisque arruma uma desculpa para encerrar a partida. Quando chega ao quarto, Didier está chorando, deitado sobre a cama.

— O que aconteceu?

— Eu matei ela, Chai! Eu matei ela!

— Quem?

— Sophie!

O coração de Chaicovisque dispara, não sabemos se de medo, surpresa, pesar ou alegria. Ele pega na mão do amigo, faz com que ele se sente na cama e se senta ao lado dele.

— Conta essa história direito.

— O vizinho estranho da Sophie deu um tiro nela!

— Então você não matou ninguém!

— A culpa foi minha. Eu chamei ela pra gente investigar a vida do cara. Aí nós entramos lá. Ele estava em casa, pegou a arma e apontou pra ela. Assim. — Ele estende o braço, com o indicador em riste. — Fiquei tão apavorado que corri, deixei Sophie sozinha e só ouvi o tiro.

— Calma, Didier. Liga pra ela.

— Já liguei. Ninguém atende. Ela está morta! Eu sou um maldito assassino, Chai. Eu sou um covarde do caralho!

O descontrole de Didier desperta em Chaicovisque a vontade de dar um tapa na cara dele, como a gente vê nos filmes. Ao mesmo tempo, tem vontade de abraçá-lo, e, foda-se!, é o que ele faz, enquanto o amigo chora em seu ombro.

Então tem vontade de beijá-lo. Mas aí seria ousadia de mais. Não conseguem desfazer o abraço e acabam se deitando abraçados. Chaicovisque não consegue disfarçar a ereção, percebida por Didier, que não se importa, apenas chora até adormecer.

Enquanto ele dorme, Chaicovisque pega uma das bicicletas e vai até a casa de Gustave para

saber como estão as coisas. Ao chegar lá, encontra a morta bem viva. Sophie olha para ele com irritação.

Para conversar com ela, Chaicovisque usa um aplicativo do celular, um tradutor de voz.

— Didier está desesperado, acha que você morreu.

— Ele me deixou sozinha e correu. Pensei que fosse mais corajoso. Fala pra ele que não quero mais saber dele, que fique longe de mim.

— Mas o que aconteceu? E o tiro?

— O fascista atirou pra cima, mas me mijei toda. Ele disse que, da próxima vez, vai estourar meus miolos. Cuspiu de lado, como um bom racista americano faria, e eu voltei pra casa, nem sei como, pois minhas pernas tremiam loucamente.

— Você devia denunciá-lo! Ele acha que está nos Estados Unidos? Aquele rifle deve ser ilegal.

Ela dá de ombros.

O ADEUS

No dia seguinte, Didier está se sentindo culpado e envergonhado. Ele quer pedir desculpa a Sophie, mas Chaicovisque o lembra de que ela está muito chateada.

— Então é melhor esperar alguns dias, né?

— Sim, é o melhor a fazer.

— Mas aí você já não vai estar mais aqui comigo.

Os dois estão deitados na cama de Didier.

— É, amanhã vou embora.

— Mas vamos continuar amigos, não vamos? — pergunta Didier.

— Vamos sim — responde Chaicovisque.

Mas ambos sabem que isso não vai acontecer.

— Sua mãe está no Brasil, Chai?

Silêncio.

— Não — ele responde, por fim. — Ela morreu um mês depois que chegamos à Espanha.

— Ah...

— Foi atropelada por um espanhol desgraçado.

— E seu pai não tem mais ninguém?

— Só a mim, agora que minha avó também morreu.

Mais silêncio.

— Didier?

— Estou aqui.

— Você e Sophie são namorados?

— Não sei — ele responde.

— Você gosta dela?

— Acho que sim.

— Já beijou ela?

— Já.

— Ah...

E o coração de Chaicovisque dispara quando Didier pergunta:

— Quer me beijar?

Sem esperar resposta, Didier se coloca sobre Chaicovisque e beija sua boca. Depois volta à posição original. Pega a mão de Chaicovisque e a coloca lá...

Ah, narrador, lá vem a sacanagem, né? É, leitor, não é o dinheiro que move o mundo, é o sexo. E Chaicovisque quer muito...

— Quer me chupar?

Chaicovisque chupa Didier e, no final, bebe sua porra como se ela fosse o néctar dos deuses. Ah, narrador, que coisa mais brega! “Néctar dos deuses”? Sério mesmo?

Depois, Didier tira o pau do Chaicovisque para fora e o masturba com habilidade até sufocar o gemido de gozo de Chaicovisque com um beijo, que nunca será esquecido.

UM PIPAROTE, E ADEUS!

Ah, como é difícil a tarefa de narrar! Se sou onisciente, as leitoras e os leitores querem saber de tudo nos mínimos detalhes. Se não conto tudo, elas e eles esperneiam feito crianças mimadas. Boa metáfora. Leitores e leitoras são crianças mimadas. E gostam de exercer o seu poder: “Ou me dá o que quero ou esperneio”. Melhor, “abandono o livro”.

Abandonar o livro é abandonar o narrador, que quer ser ouvido, isto é, lido. Quero que me escutem, que me compreendam, que desvendem as entrelinhas, que não me encham o saco.

Ser apenas narrador observador é tarefa impossível, pois é inevitável adentrar a mente complexa ou medíocre de um personagem. A verdade é que existem apenas o narrador observador-onisciente e o narrador-personagem.

Neste exato momento, preparo o leitor e a leitora para encarar o próximo capítulo. Afinal, é com um narrador-personagem que vocês terão que se entender, já que Chaicovisque vai tomar a palavra, talvez até o fim do romance, não sei ao certo.

Só lhes peço que sejam pacientes com ele caso nosso protagonista não tenha a mesma habilidade que eu. Modéstia às favas, sou um

puta narrador do caralho! Sejamos pacientes com nosso querido Chai. E fiquemos atentos a suas palavras, pois elas talvez mostrem as verdades que me escapam, já que o cansaço da onisciência me confunde.

Sem mais delongas, pois não quero ser maçante, eu me despeço com aquelas irônicas palavras de um famoso narrador machadiano, o finado Brás Cubas:

— “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.”

O SENTIDO DA VIDA

Acordo com esta sensação de vazio. Abro a janela da sala do meu apartamento e fico olhando para o prédio em frente, como se ele pudesse preencher este vazio.

Assim que voltamos da Europa, meu pai pegou sua herança e, finalmente, se dedicou à matemática. Eu, para esquecer Didier, mergulhei nos estudos da música. Foram nove anos em que tentei fugir desse amor.

Não fiz amigos nem tive namorados. Tive algum sexo esporádico e insatisfatório. Eu tinha um único objetivo: ser maestro. E agora sou. Ontem atuei como maestro pela primeira vez. Uma boa estreia.

Durante todos esses anos, me perguntei qual é o sentido da vida. E cheguei à seguinte conclusão: missão ou prazer. Se temos uma missão a cumprir, sacrificamos tudo em prol desse objetivo. Todos que têm uma missão sofrem. Não é possível ter alegria quando se tem uma missão.

Sei que é uma visão meio romântica da vida, e meio cristã. Afinal, há certo prazer no sofrimento, como se ele prometesse uma recompensa. Tive a recompensa ontem. Todo o

sofrimento e trabalho para obter o grande orgasmo. Mas depois do gozo, vem o vazio.

Estou apenas de cueca, é quase meio-dia, e está um pouco quente, apesar de ser a primeira semana de agosto. Vou até a cozinha, abro a geladeira. Vazia. Nem água. Quando se tem uma missão, não há tempo para o resto. Estou magro. Fecho a geladeira, passo a mão na cabeça.

O prazer é o outro sentido da vida. Quem não tem uma missão, busca o prazer. Viver em prol do prazer talvez seja pior do que ter uma missão. Para se ter prazer, é preciso ter dinheiro. E vivemos em um mundo desigual, onde a maioria é pobre. Não penso que o prazer esteja intrinsecamente ligado à alienação.

Acho que sinto certa culpa por ter cumprido minha missão aos vinte e cinco anos e ainda ter tempo para o prazer. Posterguei o gozo, e agora estou sedento. Chega de sofrer, basta de sacrifícios.

Encontro um pacote de biscoitos no armário, estou com fome. Devoro os biscoitinhos, mas não me contento.

Tomo banho, visto uma roupa, pego as chaves do carro. No elevador, está um homem branco, deve ter quase trinta anos. É bonito, e minha primeira reação é recuar, fugir. Mas lembro que já cumpri minha missão. Agora é o prazer.

Sorrio, e ele retribui. Quem sabe, em outro momento, nós possamos compartilhar algo, planejo.

Digo bom-dia ao porteiro e penso que não é preciso a existência de um porteiro, ele pode ser substituído por uma portaria eletrônica. Mas vivo em um país em que pessoas que têm dinheiro gostam de ser servidas por pessoas pobres. A maioria dos ricos tem certo prazer com a servidão dos pobres.

Que sociedade degenerada!

Quando saio, me lembro de que meu carro está na garagem. Volto, uso as escadas. Lá embaixo, o homem bonito parece estar tendo problemas para dar partida no seu carro. Vou até ele e ofereço uma carona. Ele agradece, tem hora marcada, diz que depois dá um jeito no carro.

GULA

O homem bonito se chama Sandro, usa um terno impecável, tem olhos cinzentos. Seu cabelo castanho é curto, o rosto está escanhoado. Tem um nariz pontudo, com asas discretas. Os lábios são vermelhos como um suculento morango.

Eu quero esse homem, é só no que consigo pensar. Ele parece desconfortável com a situação, por isso tento começar uma conversa, mas ambos estamos monossilábicos.

Quando chegamos ao seu destino, ele agradece e diz que talvez um dia possamos tomar uma cerveja juntos. Digo que não bebo, ele fica sem graça, meio decepcionado. Então logo conserto a minha burrice e digo que não bebo, mas gostaria da companhia dele.

Ele sorri.

Ca-ra-lho! Que sorriso é esse? Que coisa linda! Tenho vontade de puxar o homem para dentro do carro e devorá-lo. Ele diz tchau, e fico vendo-o afastar-se, com seu andar firme, seguro, mas algo descontraído. A bunda rija e convidativa sob a calça impecável.

Não há coisa mais bonita do que bunda de homem, grande, pequena, são todas perfeitas. As mulheres que me desculpem, mas suas bundas exageradas são ofensivas, desconfortáveis,

acintosas. E antes que me acusem de misoginia, deixo de pensar em bunda de mulher e fico aqui de olho na bunda do Sandro, meu vizinho gato, macho, deus grego, tudo de bom!

No supermercado, compro tudo que tenho direito, em busca do prazer. Encho o carrinho de guloseimas. Acho que vou cozinhar para o Sandro, ou será que é muito cedo? Não, só queremos sexo, cozinhar é coisa para namorados.

E como sei que Sandro quer sexo comigo? Essa é uma pergunta que um heterossexual tapado faria. Nós apenas sabemos, há sinais, basta saber lê-los. Chamemos isso de "instinto *gay*". Ah, não sossego enquanto não comer a bunda do Sandro, fico de pau duro só de imaginar.

No supermercado não, Chai, no supermercado não. Controle-se. Logo uma monstra conservadora pode passar por você e ficar horrorizada com o volume na sua calça *jeans*. Respira, Chai, respira. Chocolate! Minha boca saliva, estou faminto de açúcar. Pego uma caixa do melhor. Não me contenho, como um e coloco a caixa no carrinho.

No carro, de volta para o meu prédio, vou devorando a caixa toda, enquanto dirijo. Parece que todos os meus sentidos estão aguçados. Cheiros, sabores, cores, sensações táteis, tudo

acordado. Ah, Sandro, se eu te pegasse agora, você nunca mais esqueceria.

Parado no sinal, olho, pelo vidro da janela, as pessoas que passam, todas imersas em si mesmas. Há também feiura e sujeira nas construções. E pessoas moram nas ruas, há crianças morando nas ruas. Sinto culpa por estar feliz em meio a tanta dor. Só os psicopatas não sentem culpa, foi o que li em algum lugar. A psicopatia é um privilégio dos ricos?

Não, Chai, hoje não. Sem depressões. Hoje quero ser egoísta, psicopata. Dar ao meu corpo todo o prazer que ele merece. Estou insaciável e quero gozar, preciso de todo o gozo do mundo, tenho fome de prazer. Tenho fome!

A TEIA DE ARANHA

No dia seguinte, sinto uma espécie de depressão pós-empanturramento. Ontem comi muito, salgados e doces. Hoje sinto este vazio e algum desconforto intestinal. Se minha mãe estivesse viva, faria um chá qualquer. O chá é o recurso do pobre para qualquer tipo de doença. Porém, ela não está aqui, só posso contar comigo e com o dinheiro.

Peço um remédio na farmácia. Desço, deixo o dinheiro com o porteiro. Agradeço, subo e espero. Me deito no chão da sala e fico olhando o teto, como se fosse o fim da existência, o nada em teto branco. Então vejo uma aranha, em sua teia, tão inerte quanto eu, à espera da presa.

Dar uma faxina no meu apartamento é algo bastante necessário. Nos últimos anos, não tive muito tempo para isso. E me recuso a ter uma empregada, não quero uma serva, não quero uma escrava. Empregadas domésticas são a lembrança das mucamas do tempo da escravidão, e os ricos opressores gostam disso.

Posso contratar um faxineiro e pagar-lhe muito bem, um valor justo e compensador pela sua prestação de serviço. Já fiz isso antes. O apartamento está um asco.

Acho que todo mundo, alguma vez, já se sentiu preso em uma teia de aranha. A vida é uma teia de aranha. Quanto mais resistimos, mais presos ficamos, e apavorados. A aranha se aproxima da vítima indefesa, a aranha é calma, calculista, psicopática.

O remédio chega, desço para buscar. No elevador, encontro o Sandro, o homem bonito, que me sorri lindo. Fico meio sem jeito, pois estou todo desarrumado e me sentindo um trapo.

— E a cerveja? — ele diz, sorrindo.

— O que tem?

— Quando vamos sair pra eu tomar uma cerveja enquanto você aprecia minha companhia?

Eu sorrio com o jeito descontraído dele.

— A hora que você quiser, menos hoje, pois estou meio acabado.

— O que foi?

— Comi demais ontem.

— Então no sábado, que tal?

Olho para ele e solto esta:

— É um ótimo dia pra ser feliz.

Ele me quer. Eu o quero. Mas há todo um percurso até conseguirmos o que queremos. Esse percurso pode ser prazeroso. E se fosse encurtado? Não, não quero correr o risco de perder essa bunda que caminha diante de mim ao sair do elevador.

Ele para, se vira e olha para mim.

— O carro está no mecânico — ele se explica, sem que eu peça qualquer explicação. — Vou de táxi.

E sorri de um jeito meio frágil, que, se não fosse meu desconforto estomacal, provocaria uma ereção quilométrica em mim.

— Tchau, Chai.

— Tchau, Sandro.

Pego o remédio e agradeço ao porteiro. Ele resmunga um de-nada, parece não gostar muito de mim.

LA VIE EN ROSE

Continuo melancólico no restante do dia. No fim da tarde, ligo aquela rádio que só passa música francesa. E então Piaf começa a cantar *La vie en rose*:

Des yeux qui font baisser les miens
Un rire qui se perd sur sa bouche
Voilà le portrait sans retouche
De l'homme auquel j'appartiens

No dia em que me despedi de Didier, assim que meu pai deu a partida, ele ligou o rádio do carro. E então, Piaf começou a cantar *La vie en rose*, como agora. Porém, a vida não estava cor-de-rosa naquele momento.

Quand il me prend dans ses bras
Qu'il me parle tout bas
Je vois la vie en rose

Eu estava no banco de trás. E, enquanto o carro se afastava, eu, sem cinto de segurança, como uma criança curiosa, ajoelhado no banco do automóvel, olhava Didier acenar para mim, em despedida.

Il me dit des mots d’amour
Des mots de tous les jours
Et ça m’fait quelque chose

Meu pai mandou eu colocar o cinto. Obedeci, sem conseguir conter as lágrimas, que me faziam soluçar. Nossos olhos se encontraram no retrovisor. E, naquele momento, meu pai conseguiu alcançar minha alma, naquele momento, ele descobriu que eu era um daqueles caras que amam outros caras.

Il est entré dans mon cœur
Une part de bonheur
Dont je connais la cause

E agora, neste fim de tarde melancólico, anos depois, eu continuo apaixonado por Didier. E, para lembrar ou esquecer, eu, ainda tão desafinado, canto junto com Piaf:

— C’est lui pour moi,
moi pour lui
dans la vie.
Il me l’a dit,
l’a juré, pour la vie.
Et dès que je l’aperçois,
alors je sens dans moi
mon cœur qui bat.

Des nuits d'amour à plus finir,
un grand bonheur, qui prend sa place,
des ennuis des chagrins s'effacent.
Heureux, heureux, à en mourir...

O POETA SUICIDA

Mais um dia, após uma noite de sono profundo. E continuo melancólico. Agora não tenho a desculpa da “ressaca” pós-comilança. Aliás, nesta quarta-feira, não quero comer nada (a não ser o Sandro!). Não quero nem um golinho de café. Meu estômago ainda dorme, e logo o almoço vai bater à sua porta.

Quando a porta do elevador se abre, a decepção: está vazio. Mesmo sabendo que o Sandro, a esta hora, provavelmente está no trabalho, havia uma frágil esperança de esbarrar com ele no elevador. Desço até a garagem, entro no meu carro e dirijo rumo ao prédio do meu pai.

Ele se casou de novo, heterossexuais não lidam bem com a solidão. São criados para se juntarem e, de preferência, procriarem. O que seria da heterossexualidade se não fosse a procriação? Apenas mais um desejo entre milhões de outros desejos, nada importante, nada especial.

Tenho um irmãozinho de cinco anos. Ele não possui um nome extravagante como o meu. Ivo. Três letrinhas apenas. Mais simples do que isso, impossível. Tem os olhos azuis do meu pai e o cabelo louro da mãe. Agora faço parte de uma família só de brancos.

Quem me vê com eles nem imagina que meu pai de fato é meu pai, a coisa biológica toda que as pessoas, tão animalescas, costumam valorizar. E quando meu pai me apresenta como filho, já pensam que sou adotivo. Afinal, um homem branco ter filho com uma mulher preta é um pensamento que eles preferem afastar.

Eles quem? Essa gente com quem meu pai passou a andar. Não se pode fugir das origens. Meu pai nasceu burguês e, apesar de ter passado um tempo na periferia, não deixou de ser burguês. Dizem que a palavra “burguesia” e suas semelhantes não se usam mais, estão obsoletas.

A burguesia sempre foi obsoleta em vários sentidos, mas as palavras que a definem continuam aí. É, de uns tempos para cá, fiquei bastante politizado, li coisas que me fizeram pensar. E quanto mais penso sobre tudo o que significa ser brasileiro, mais me aproximo de minha mãe, em espírito.

Não digo que esteja afastado de meu pai, pois isso não é verdade. Estamos sempre em contato, e nosso afeto (ou amor, como prefere a família burguesa) continua forte, já vivemos muitas coisas juntos. Mas tenho uma identificação cultural mais forte com minha mãe, digamos.

O dinheiro que minha avó (ou melhor, meu avô) nos deixou, dá para que vivamos com

conforto e sem precisar trabalhar, desde que não sejamos insanos, aqueles que gastam como se o dinheiro fosse água em uma pia sem rolha. A parcimônia talvez meu pai e eu tenhamos herdado de minha avó, que sempre gostou do luxo, mas sem grandes exageros, de modo que deixou bastante dinheiro ainda para o filho e os netos.

Quero fazer esta melancolia evaporar, sumir de vez. Mas no trajeto do meu prédio para o do meu pai, vejo coisas na rua que a acentuam. Não há beleza na maioria das cidades brasileiras, as pessoas se arrastam pelas calçadas, outras até moram nelas. Os semblantes estão sempre carregados, todos têm sempre uma tarefa a cumprir.

Quem disse que os brasileiros são felizes? Acho que foi Maiakóvski, o poeta suicida.

O “RIMÃO”

Ivo sempre fica tímido quando chego ao apartamento de meu pai. Ele se esconde no quarto e fica fingindo que está lendo os livrinhos que meu pai lhe dá de presente todas as semanas. Depois ele vai se acostumando comigo de novo, conversa, me chama para brincar.

Desta vez, está tempo de mais no quarto. Então começo a chamar:

— Ovo! Cadê você, Ovo?

Logo ele aparece, os olhos baixos, a fingir que está zangado.

— Eu senti saudade de você, Ovo!

— É Ivo! — ele grita.

— Ah, desculpa, Ovo... Ops! Ivo! Tenho a mania de trocar o “i” por “o” e vice-versa. Desculpa, Ovi, ops, Ivi, ops, Ivo!

Ele se aproxima e me pergunta:

— O que é “vice-versa”?

— Significa que pode ser de um jeito e o contrário também.

Ele sobe no sofá e estende suas mãozinhas brancas até minha cabeça para tocar no meu cabelo crespo, que está enorme, orgulhoso e provocante. Aí eu encosto a minha cabeça na cabeça dele e digo:

— Agora seu cabelo vai ficar igual ao meu.

E faço cócegas no Ivo, que se contorce todo enquanto ri.

— Fala pro seu irmão que estava com saudade dele, Ivo — diz a esposa do meu pai.

— Rimão? Ele é meu rimão?

Rio dele e confirmo:

— Sou seu *rimão*, sim. Vem dizer que já esqueceu.

Ele ri e grita:

— Não esqueci não, rimão!

— Ivo, meu filho, já falei pra não gritar assim — a mãe o censura.

Então o Ivo lasca um beijão na minha bochecha. Não aguento tanta fofura e abraço o pequerrucho com vontade de quebrar seus ossinhos, enquanto ele tenta se desvencilhar do abraço e ri.

— Ele pergunta sobre você todo dia, Chai — diz Cleide. — Aí, quando você vem aqui, ele faz de conta que não te conhece.

Cleide é mais nova do que meu pai, tem trinta anos. É formada em Medicina, e abriu um consultório particular faz pouco tempo. Meu pai dá aulas de Matemática em uma faculdade particular. E os dois se revezam para cuidar do Ivo, que passa o dia inteiro na escolinha. Mas a mãe da Cleide também ajuda quando é preciso.

Eu me levanto do sofá e vou até a cozinha, onde o meu pai prepara o nosso almoço. Ivo agora está todo “chicletinho” comigo, não desgruda.

— Conta pra ele, Ivo, que você foi comigo ao concerto do maestro Chaicovisque.

— Ma-eees-tro? — pergunta o menino, com tom arrastado, como se não entendesse nada.

— É, ele estava com a batuta e comandava toda a orquestra.

— Ba-tuuu-ta?

Eu me ajoelho e, olhando nos olhos dele, pergunto se ele gosta de música clássica. Ele só dá de ombros e me abraça, com força, como se quisesse quebrar meus ossos. Depois pega na minha mão.

— Vem cá, Chai.

Ele me conduz até seu quarto e me mostra tudo. Brinquedos, livros, material escolar e desenhos que ele faz. Parece talentoso, pois não são desenhos comuns de crianças da idade.

— Você é um artista, Ivo!

Ivo então grita:

— Pai! O Chai disse que eu sou artista!

AINDA DÓI

A Cleide é uma mulher silenciosa, e gosto disso. Fala pouco e contraria o estereótipo de que mulheres são verborrágicas. Branca e loura, com olhos castanhos. Tem uma boca com lábios finos, que parecem colados e nos surpreendem quando se afastam:

— O que está fazendo em suas férias?

Dou de ombros.

— Nada especial.

Ela se cala novamente e continua a comer.

— Precisamos viajar juntos de novo, meu filho — diz meu pai. — Há muito tempo que não fazemos isso, uma viagem só de homens!

Cleide sorri, educadamente e sem muito interesse.

— De-hooo-mens? — pergunta Ivo, arrastando a sílaba, como costuma fazer. — Então eu vou também, pai?

Meu pai e eu rimos, a mãe parece alheia.

— Você é criança — fala meu pai, enquanto Ivo parte um pedaço de couve-flor com a faca. — Quando você ficar mais velho, vamos nós três.

Ivo mastiga a couve-flor e fecha os olhos, com deleite. Os carnívoros patológicos não conseguem entender o prazer que temos ao saborear folhas e vegetais. Acho que o paladar

daqueles que comem carne não é apurado como o nosso, pois eles parecem incapazes de sentir as sutilezas do sabor. Mas é claro que isso é só uma especulação da minha parte.

Passo a mão no cabelo do Ivo, que não interrompe sua refeição, apenas aceita o carinho. Pena que não temos muito contato, vejo o menino uma ou duas vezes por mês. Um dia, ele vai crescer e vamos apenas nos tratar com polidez, sem grande intimidade.

— Não trabalham hoje? — pergunto.

— Eu não — responde meu pai. — E Cleide só tem consultas à tarde.

— E o Ivo não tem escola?

— Deixei ele faltar hoje.

Estou com os olhos voltados para o prato. Enquanto como, penso no Sandro. Ele não sai da minha cabeça, e não sossego enquanto não foder esse cara, porque ele me deixa muito excitado. Quando levanto os olhos, percebo os olhos do meu pai sobre mim.

Sorrio. Ele toca na minha mão e diz que estava com saudade, que eu devia vir mais vezes, que devíamos sair de vez em quando. Concordo, mas sei que isso não vai acontecer. Temos nossas vidas, rotinas, tarefas e obrigações. Se os pais não aproveitam a companhia dos filhos na infância, nunca mais.

Então um pensamento aparece na minha cabeça. Não falamos de minha mãe desde que voltamos da Europa. Isso é muito tempo. Por que não falamos dela? E, sem pensar, acabo fazendo essa pergunta em voz alta. Cleide parece sair de seu estado letárgico. E meu pai pigarreia.

Cleide olha para ele, com ciúme e veneno na voz:

— Ainda dói, Chai.

Agora sou eu que faço um carinho na mão de meu pai e peço desculpa. Ele me olha, e seus olhos estão marejados. Não pensei que amasse minha mãe tanto assim. Quero dizer, não lembrava mais do amor que os unia, que nos unia.

Ivo, como um animalzinho instintivo, percebe algo pairando no ar. E pergunta, com sua vozinha arrastada:

— A-iiin-da-dói?

MUSAS DE PAU DURO

É quinta-feira, e o bichinho da inspiração toma conta de mim. Na maioria das vezes, componho com método. Não sou daqueles que só criam por inspiração. Deixo reservado na minha semana os dias para compor.

Porém, como é com qualquer artista, às vezes a obra “surge”, é a tal da inspiração. E ela me atormenta, mas também me dá prazer. Pego o violino, e a obra vai se fazendo, e a partitura vai se construindo. Não, deixemos o romantismo de lado. Sou eu quem faz tudo isso, mas é bom acreditar que sou apenas um instrumento.

Instrumento de quem? Das musas de pau duro no Olimpo LGBTQIA+? De onde vem a obra? De onde vem o pensamento? De onde vem a emoção? De onde vem o desejo? O Olimpo está aqui dentro de mim e de cada um de nós artistas. Somos o céu e o inferno, se assim preferem os cristãos.

Enquanto componho, penso, sinto, é como se estivesse entre o mundo real e o plano das essências. Agora vão achar que sou simbolista. Não sou nada e sou tudo, como qualquer artista. Não sei como os não artistas conseguem viver, deve ser mesmo insuportável.

Coloco na composição o meu medo, os meus sonhos, a minha tristeza, a minha alegria, o meu tesão, o meu erotismo, a minha descrença, a minha derrota, o meu otimismo, o meu pessimismo, a minha aceitação, a minha miséria humana inevitável, o meu amor e o meu ódio. E, no meio de tudo isso, a presença de Sandro.

Não vou sossegar enquanto a gente não se comer até a saciedade. Talvez eu até consiga me apaixonar e viver com ele uma cinematográfica história de amor, com direito à felicidade. Quem sabe assim eu esqueça Didier, meu primeiro amor.

Acho que sou um romântico dentro do armário. E não pretendo sair, o olhar realista é sempre a melhor opção. Pode não ser a mais agradável, mas é o único caminho para a verdade. Nesse ponto, os simbolistas vão discordar de mim.

Sempre misturei música com literatura. Toda obra que leio tem um fundo musical. E toda composição minha tem um fundo literário. Desse modo, estilos literários e musicais se misturam. A arte sempre foi uma só afinal. Não busco um estilo, pois sei que ele é uma criação dos críticos.

Já foi o tempo da arte aprisionada a estilos, atingimos a total liberdade. Muitos veem nisso o fim de qualquer originalidade ou invenção. Outros,

como eu, sabem que é a reta final do caminho que meus antecessores traçaram. Sou o futuro, e estou inevitavelmente conectado com o passado.

Assim como o sexo e a comida, a arte também me causa uma melancolia ulterior. A obra está viva, afinal. E o parto me deixou exausto, vazio de qualquer vontade. Como um zumbi, eu me arrasto pelo apartamento. Estou morto e desconheço? Depois do sono e do sonho, amanhã vai ser outro dia.

PREGUIÇA

É sexta-feira. Preguiça, ai que preguiça! Me sinto Macunaíma. Acordo por volta de nove horas e me arrasto só de cueca pelo apartamento. Feito um rato preguiçoso, roo uns biscoitinhos doces como o paraíso, enquanto olho meio besta pela janela da sala.

Olho sem ver, não vejo detalhes em nada, nada me chama a atenção, é a mesmice de sempre. Não tenho mais olhos de criança, que farejam novidade como nariz de cão. Perder a curiosidade, o querer saber, o assombro diante da vida significa crescer (ou embrutecer?).

O mundo podia ser um paraíso, com todo o conhecimento e tecnologia que adquirimos. Ainda há tempo de evitar o colapso do ecossistema e impedir que, no futuro, água seja artigo de luxo só para os privilegiados.

E já não é? As próximas gerações pagarão caro pelos erros de seus pais egoístas. Otimistas são mesmo ingênuos. A humanidade tem tudo para a felicidade, mas prefere a dor, a escravidão. Por que odiamos tanto os nossos semelhantes? Somos uma ameaça para todas as espécies, inclusive a nossa.

— Somos cânceres.

Sim, cultivo o saudável hábito de falar sozinho. Dizem os especialistas que faz bem. Mas é um hábito particular, feito entre quatro paredes. Não saio pelas ruas a dialogar em voz alta comigo mesmo, não tenho essa necessidade.

— O que vamos fazer hoje, Chai? — digo, enquanto me deito no chão. — Comer e comer e comer?

Estou com preguiça de ler.

— Que tal ouvir música?

Quero um descanso da música.

— Mente vazia, oficina do diabo.

O diabo é Sandro. Minha mão escorrega para dentro da cueca branca. Se não bater uma punheta, enlouqueço. O Sandro me deixa assim, como se valesse a pena morrer por uma foda. Baixo a cueca e bato a punheta. Caralho! Gozo feito um chafariz.

Fico aqui, no chão, sem vontade de me levantar nem de me limpar. Saciado, vazio, inexistente. Sem libido não somos nada.

Falta de libido é paz? Ai, que preguiça! Hoje estou cheio de perguntas. E perguntar demais pode ser chato quando não se tem respostas. Não quero respostas.

Levanto-me e limpo a sujeira que fiz na sala. Onde está a porra que deixei aqui? Limpo o chão. A parede também foi premiada. Se eu não

estivesse com tanta preguiça, até fazia uma faxina.

Está decidido. Vou tomar um banho. Sair. Comer fora. E ver um filme no cinema. Faz tempo que não fico diante da telona. Antes de sair, ligo para um serviço de faxina de minha confiança. Deixo a chave com o porteiro e uma gorjeta para os faxineiros. O preço da faxina vai ser debitado na conta.

Quando volto para o meu apartamento à noite, “está tudo um brinco”, como dizia dona Maricotinha. Então me lembro do Nico e da Fernandinha. Nunca mais os vi. Como estarão? Mais perguntas. Ai, que preguiça!

OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE

É sábado! E não vou ser original. Para contribuir com minha euforia, ouço diversas vezes o tema do filme *Os embalos de sábado à noite*. Enquanto os vocalistas da banda Bee Gees lançam seus agudos, eu sou John Travolta.

Stayin' alive! *Stayin' alive*! Ah-ah-ah-ah...

Eu espero, espero, espero e desejo. Finalmente, cai a noite. Sandro bate à porta. Quase desmaio diante de seu sorriso. Não aguento. Puxo o cara pelo pescoço e beijo sua boca com a voracidade de um monstro sugador de almas.

Ele sorri depois do beijo. Entra, fecha a porta. E a gente tira a roupa. Que corpo! A gente se chupa e se come durante duas horas. O rosto desse homem durante o gozo é o de um deus em êxtase. Não é difícil me apaixonar por ele, não fosse Didier, sempre no caminho.

— Ainda vamos ao cinema? — ele pergunta, deitado no meu peito.

— Você não está cansado depois dessa foda alucinante?

Ele dá uma gargalhada.

— Tenho o vigor de um touro.

Agora a gargalhada é minha.

— Que coisa mais brega.

Ele levanta a cabeça e me mostra a beleza, enquanto confessa:

— Sou brega mesmo.

— Também tenho o vigor de um touro.

Levantamos, vestimos as roupas e vamos para a última sessão de cinema. A escolha foi dele, um filme de ação. Ah, Sandro, você é tão clichê! Finjo gostar, mas quase durmo.

Entramos em um *fast-food*. Ele cai de boca em um hambúrguer, enquanto eu só fico na batata frita e no refrigerante.

— Você é o primeiro vegetariano que eu conheço — diz ele, entre uma mordida e outra. — Eu morreria sem carne.

Sua fome me dá tesão.

— E também não bebe.

Eu sorrio e falo:

— Não bebo.

— Você é mesmo diferente!

— Crítica ou elogio?

— Nem uma coisa nem outra.

Ele limpa a boca com o guardanapo e olha para mim, satisfeito.

— E agora?

— Você não quer comandar os embalos de sábado à noite?

Ele toca na minha mão sobre a mesa enquanto me olha com seus sedutores olhos.

— Ainda tenho fome de você.

— Vamos pra casa então!

E nos comemos noite afora, afinal temos o vigor de dois jovens touros.

UM CONVITE

Quatro homens: preto, louro, ruivo e indígena. Lindos, de uma forma inimaginável. Estão sem camisa, mas usam xorte: vermelho, azul, verde e amarelo. Eles empurram um carro. Eu estou logo atrás e não consigo tirar meus olhos dessas lindas bundas.

Inevitável, fico de pau duro.

Acordo com Sandro chupando meu pau. Ele continua até eu gozar. Depois se levanta e começa a vestir a roupa.

— Não vai gozar? — pergunto, por consideração.

— Não — ele responde. — Gosto de começar o dia com tesão.

Ele é encantador.

Conto-lhe o sonho. Já vestido, ele se senta na cama e me olha de um jeito diferente. Algo assim meio safado, envergonhado e misterioso.

— De vez em quando, vou a certo clube...

Ele fica em silêncio, enquanto me olha, como se tivesse feito uma grande revelação.

— Eu deveria saber do que você está falando?

Ele beija meus lábios de leve e se levanta.

— É um clube só pra homens, onde a gente vai pra foder.

— Hum...

— É bem seletivo, mas posso levar convidados, desde que eles se encaixem no perfil.

— E qual é o perfil?

— Entre vinte e trinta anos, bonito, atraente etc.

— E o que eu faço quando entrar lá?

Ele sorri.

— Na entrada, você coloca suas roupas e pertences em um armário, depois deixa a chave com o gerente. E então, você segue por um corredor, pelado, ninguém pode estar vestido. Os quartos ficam abertos. E aí é só se aproximar e foder com quem quiser, ou só olhar, se preferir.

Não penso muito para responder, me parece bastante excitante.

— Fechado, vou com você.

— Ótimo.

— Que dia?

— Hum... que tal terça-feira? É o melhor dia. Não fica tão lotado como no fim de semana.

— Combinado então.

— Me acompanha até a porta?

Eu me levanto e vou na frente. Antes de eu abrir a porta, ele me dá um tapa na bunda e diz o quanto eu sou gostoso. Depois volto para a cama, com a intenção de dormir o domingo inteiro.

A NOITE NO CLUBE

Terça-feira à noite, caminho nu pelo corredor do clube. De repente, tenho a sensação de estar andando em câmera lenta, enquanto olho para dentro dos quartos, com suas portas abertas. Gemidos, cheiros, palavrões e até risadas.

Sandro, que está atrás de mim, toca em meu ombro. Eu me viro, ele dá tchau e entra em um dos quartos. Há homens de mais aqui para ele perder tempo comigo, carne já comida. Não me sinto ofendido nem magoado, pois não estou apaixonado por Sandro, meu coração é do Didier.

Paro diante de um dos quartos. Cinco homens se misturam, e um deles me estende a mão. Caminho até eles, o pau extremamente duro. E sinto as mãos, as bocas, os hálitos, os cheiros. Esqueço o mundo lá fora, e me entrego ao prazer.

Depois visito outros quartos, outros homens, e até encontro a boca de Sandro no meio de alguns deles. Postergo o gozo. E esporro quatro vezes durante esta noite. Que noite! Acordo com os cutucões do gerente. Acabei dormindo, coisa de principiante.

O lugar está vazio. Visto minha roupa. Saio no sol lá fora. Será que estou cheirando a sexo? Pego um táxi, pois vim no carro do Sandro. O

motorista me olha pelo retrovisor, daquele jeito. Não estou para estas coisas, lindinho, a fábrica de porra está em manutenção. Ele realmente é bonito, mas já estou satisfeito por hoje.

Em casa, tomo banho e tiro toda a noite de mim. Pego um pote de sorvete na geladeira, me sento para ver um filme. Sorvete de morango é meu preferido, seguido por chocolate branco. Não consigo me concentrar na história que se desenrola na tela, as lembranças da noite passada ainda povoam minha mente.

Eu podia ter mais noites assim. Mas tudo em excesso cansa, entedia. É bom manter tal experiência como exceção, eterna novidade. Quem sabe outro dia, o Sandro faz a gentileza de me convidar novamente para seu clubinho privado.

Nunca fodi com tanto homem bonito ao mesmo tempo. O pau começa a levantar de novo. Chai, você não sai do cio, hein, sua cadela? Você é uma cadela, Chai. Ontem, fui cadela, mas também fui garanhão. Ah, como é bom ser homem e foder com homem!

Batem à porta. É Sandro. Ele entra. Ofereço sorvete. Ele diz que não, está fechando a boca, não quer engordar. Sorrio e digo que ele está lindo, deve mesmo se manter assim. Não que ser

gordo signifique ser feio, mas nossa cultura não valoriza a beleza dos homens gordos.

Sandro está com receio de que fiquei chateado por ele me abandonar. Que nada!, eu digo, você não me abandonou, me deixou no paraíso.

Amigos, então, com direito a sexo.

Tchau, lindo, a gente se vê.

O CONVITE PARA JANTAR

No dia seguinte, Sandro me convida para jantar no seu apartamento. Aceito e fico pensando se aquela coisa sexual toda vai acabar em um jantarzinho romântico. Por que não? Quem sabe o Sandro me faz esquecer o Didier? O jantar é às nove da noite.

Tomo um banho demorado, me perfumo todo. Visto uma roupa bacana. Então percebo que não comprei nada para levar. Mas não dá mais tempo. Quando ele abre a porta, me desculpo por não trazer nada.

— Tudo bem, o Davi cuidou de tudo.

Antes que eu pergunte quem é esse tal de Davi, um rapaz gordo, de pele muito branca e cabelo preto, aparece. Ele é bonito, sorri encantador, e está com um avental sobre sua caríssima roupa de grife. Até alguém tão despojado quanto eu, sabe que é de grife.

Ele me cumprimenta, pergunta se quero beber alguma coisa. Digo que não. Por mais que eu tente ficar à vontade, esta situação é incômoda, pois não sei quem é esse Davi e não sei como perguntar quem ele é. Mas ele é sensível e percebe algo em meus gestos.

— Estou vendo que o Sandro não te falou sobre mim, não é mesmo?

— Falei sim! — diz o Sandro, antes de olhar para mim e perguntar: — Falei, não falei?

Balanço a cabeça, em negativa.

— Eu sabia! — diz Davi. — Se eu fosse um marido inseguro, já tinha pirado com sua mania de me esquecer.

Sandro faz um carinho no rosto do outro, enquanto afirma:

— Eu nunca te esqueço, amor.

Logo me recupero da surpresa e faço as perguntas típicas ao casal.

— Nos conhecemos há dois anos — conta o marido cozinheiro. — E moro aqui metade desse tempo.

— Nunca te vi no prédio — comento.

— Quando não estou viajando, sou muito caseiro.

— Você viaja muito?

Sandro diz, com orgulho:

— Ele tem vários restaurantes no país.

Davi sorri, falso modesto, e fala:

— Como dizem, “é o olho do dono que engorda o boi”.

Ele volta para a cozinha, para cuidar do nosso jantar.

— Você bem que podia ter falado sobre seu marido pra mim, né?

Sandro só sorri, lindamente, como se isso o desculpasse.

TIRAMISÙ

Davi é cheio de afetações. Refinado. A mesa posta. Talher pra isto e praquilo. Entrada, prato principal e sobremesa. O vinho certo. Bebo água. Não como carne. Ele me olha como se eu fosse inferior por isso. Mas, como bom anfitrião, teve o cuidado de fazer pratos deliciosamente vegetarianos para mim.

Fala bem o Davi. Quero dizer, verbaliza bem, conhece bem as palavras, é gramaticalmente perfeito. Mas, por trás de tanta sofisticação, não há muito recheio. É superficial e narcisista.

Enquanto ele diz coisas dispensáveis, olho para Sandro e percebo a adoração em seu olhar. Ele realmente venera o marido. Sinto certo ciúme e inveja, tudo misturado. Nunca ninguém me olhou com tamanha adoração.

— Não beba demais, amor — diz Davi e coloca a mão sobre a mão do marido.

Mas Sandro já bebeu mais vinho do que permite a etiqueta. Percebo que Davi está levemente irritado com isso. É do tipo perfeccionista, concluo, e as coisas parece que não saíram perfeitas, o marido gostosão não é perfeito.

Se não está satisfeito, penso, então dá ele todinho para mim, sóbrio ou bêbado, vou saber

cuidar bem dele. Sorrio com o pensamento maldoso. Não sei como Davi interpreta meu sorriso, mas noto que fica ainda mais chateado.

— Sobremesa! — anuncia, levanta-se e vai buscar a sobremesa na cozinha.

Enquanto isso, Sandro me olha com os olhos umedecidos pelo álcool, sorri-me lindamente, como sempre, e fico de pau duro. Há segundas intenções em seu olhar.

Tiramisù é o nome da sobremesa.

— É pra se comer rezando — Davi solta mais um clichê.

Explica que é uma receita italiana e me olha significativamente quando revela:

— Dizem que é um doce afrodisíaco!

O sorriso safado de Sandro ao ouvir isso me deixa meio tonto, como se o vinho bebido por ele tivesse sido despejado de sua boca para a minha.

O olhar significativo de Davi perdura.

Ca-ra-lho!

Entendo tudo: eu sou o prato principal. Os dois estão a fim de uma foda a três. Então vem o convite, um *ménage à trois*, diz Davi, com biquinho e tudo. Não respondo, encho a boca com o delicioso *tiramisù* e fecho os olhos, em divinal deleite.

Dos deuses!

FIM DE NOITE

Davi gosta de olhar, é o que Sandro me revela, em um sussurro ao meu ouvido, enquanto tira a minha roupa e eu a dele. Estamos no quarto do casal. Davi está sentado em uma poltrona e assiste a tudo. No princípio, fico incomodado, depois esqueço sua presença.

Ele quer ver eu comer o macho dele, percebo isso quando Sandro levanta a bunda linda pronta para receber minha vara. Curto dizer palavras obscenas na hora da foda, elas me excitam, e acho que o Davi fica bem excitado com isso também.

Enquanto meto em Sandro, sinto a mão quente de Davi sobre minha bunda. A sensação é boa. Davi, que a princípio queria só olhar, começa a participar da ação. Fato é que, pelados os três, Davi deixa toda a sua costumeira afetação e se transforma em um animal rude, deliciosamente asqueroso e viril.

Come o marido, me come e, se não gozasse litros de porra na boca de Sandro, comeria a parede, o teto, a mesa de cabeceira, o infinito. Que surpresa boa! Mas, após o gozo, sua afetação retorna, ele vai tomar um banho, enquanto Sandro e eu batemos uma punheta e gozamos juntos.

Sandro continua com seu jeito jovial e agradável. Mas o esposo se torna frio e mal-humorado. Figurinha antipática! Quer se ver livre de mim. Deve ser um daqueles cristãos que sente culpa após a sacanagem. Entendo que não vou poder mais desfrutar da delícia do Sandro. Afinal, o autoritário Davi não gosta de repetir pratos.

Chego em casa saciado e cansado. Tomo um banho demorado e depois me deito na cama. Não consigo dormir. É uma boa oportunidade para terminar o romance que estou lendo. Mas não posso me concentrar, uma ideia insistente baila no meu cérebro.

De onde vêm as ideias? De repente (do nada?), tomamos consciência de algo ou uma intenção se forma em nossa mente. É como se sempre estivesse ali, só esperando abrirmos a porta.

PAI E FILHOS

Na sexta-feira, meu pai e eu saímos para almoçar juntos. É um restaurante italiano. Massa, massa, massa! Ele me fala de sua vida, do seu trabalho, me conta coisas engraçadas sobre o Ivo. E, por fim, quer saber o que venho fazendo.

Sorrio, enquanto penso na cara do meu pai se lhe contasse sobre a orgia no clube só para homens ou lhe falasse da foda a três com meus vizinhos. Então, apenas respondo:

— Nada de mais.

Ele sabe que filhos adultos não gostam de compartilhar nada com os pais. Pergunta porque é isso que um pai faz. Mas tenho algo para dividir com ele.

— Não sei se te falei, mas tenho uma apresentação em Paris agora no final de agosto. Vou reger aquela mesma orquestra brasileira da minha estreia.

— Acho que comentou sim.

— Decidi antecipar a viagem. Chego à França uns dias antes e dou uma volta por lá.

Ele me olha como se estivesse escaneando minha mente.

— Quer rever o Didier?

Sorrio, pego em flagrante.

— Vou voltar à casa dele. Nem sei se ele ainda mora lá. Mas talvez assim eu encerre essa história de vez.

— Se não fosse o trabalho, eu ia com você.

Não quero ninguém entre Didier e eu. Mas apenas minto:

— Que pena, seria ótimo.

E antes que ele invente de tirar alguma licença por uma semana para me acompanhar, mudo de assunto:

— Posso sair com o Ivo amanhã?

Meu pai dá de ombros.

— Acho que não tem problema. Só vou confirmar com a Cleide se ele não tem nenhum compromisso pra amanhã. Mas acho que não.

— Passo lá de manhã.

Então meu pai faz esta pergunta:

— Você não quer ter filhos?

Fico em silêncio, enquanto dou de ombros.

— Acho que você seria um ótimo pai.

Tenho vontade de fazer todo o discurso contra a heteronormatividade, mas desisto. Em vez disso, digo:

— Quem sabe um dia encontro uma “Cleide” e adotamos um pirralhinho ou uma pirralhinha.

Meu pai toca na minha mão e fala:

— Tenho medo de que você envelheça sozinho, meu filho.

— Ah, pai, filhos não garantem o amparo na velhice.

Ele estende a mão sobre a mesa e me dá um tapinha no rosto.

— Seus filhos seriam tão bons quanto os meus.

PRETO E BRANCO

Sábado com meu irmão! A felicidade de estar com ele só é estragada pelos olhares de desconfiança. As pessoas desconfiam de um rapaz preto com um menino louro e de olhos azuis. Estamos no *shopping* e nos sentamos em um banco, acho que é uma boa hora para mostrar essa realidade para ele.

— Você notou que as pessoas olham estranho pra gente, Ivo?

— É, notei sim.

— Isso é porque eu sou preto e você é branco e louro.

Ele enruga sua testinha linda.

— E qual o problema?

— Eles são preconceituosos e acham que eu posso estar te fazendo mal. Sabe por quê?

— Por quê?

— Só porque eu sou preto.

Ele arregala os olhos e pergunta:

— E o que tem isso?

— Isso é preconceito, Ivo, isso é preconceito.

— Ah...

Não sei se entendeu o que eu disse. Mas, pelo menos, vai pensar a respeito depois.

Em uma loja de brinquedos, as vendedoras (a sociedade machista em que vivemos acredita que

a mulher nasceu para servir) ficam de olho e cochicham. Até que um segurança vem me interpelar:

— O que você é do menino?

Calmo, olho para o Ivo e pergunto:

— Quem sou eu, Ivo?

— Chai-co-vis-que.

— E o que a gente é um do outro?

— Ué, você é meu rimão.

Olho para o segurança, tão preto quanto eu, e digo:

— Somos irmãos. Nosso pai é branco e tem olhos azuis. A mãe do Ivo é loura. A minha mãe era preta. Era porque já faleceu faz alguns anos.

Ele parece não se convencer. Então olho para uma das vendedoras e pergunto:

— Tem alguma gerente nesta loja?

Logo aparece um homem, é claro. É o gerente.

— Eu e meu irmão estávamos aqui escolhendo um brinquedo quando seu segurança veio nos importunar porque sou um homem preto ao lado de uma criança branca. É assim que vocês tratam seus clientes?

O gerente tem uma cara de cachorro que caiu da mudança.

— E você — digo para o segurança — não deveria tratar pessoas pretas dessa forma. Você é

preto também, homem! Não tem respeito por si mesmo? E não me venha dizer que é o seu trabalho. Discriminar pessoas não é um trabalho, amigo.

Percebo que o Ivo está assustado.

— Não se preocupe, Ivo, vou pedir nosso pai pra te buscar, tá bom?

Pego meu celular, ligo para o meu pai, explico rapidamente a situação. Ele chega em meia hora. Meu irmão e eu estamos sentados em um banco perto da loja. Digo para ele levar o Ivo.

— Você vai ficar bem?

— Pode ir, pai.

— O advogado já está chegando.

O advogado chega com a polícia. E deixo bem claro que vou processar a loja, pois o segurança deve agir segundo instruções da loja. Mais um processo que movo contra ato racista. Se todos os pretos tivessem dinheiro para pagar a bons advogados, tudo seria diferente.

Mas manter os pretos na pobreza é uma forma de dominá-los. Assim, a elite branca faz o que bem entende e nunca é punida. Ela sabe que as leis só funcionam no papel. Na prática, quem manda é o dinheiro.

POBRE GENTE RICA

Depois de agradecer ao meu advogado, dirijo-me ao prédio do meu pai, quero saber se o Ivo está bem mesmo.

— Ficou com medo, Ivo? — pergunto-lhe.

Ele sorri e responde:

— Nem fiquei!

Assanho seu cabelo louro e digo:

— Menino corajoso!

Ele então quer saber:

— A polícia prendeu o homem que queria te fazer mal?

— Não, ele trabalha pra loja de brinquedos. Então era a loja de brinquedos que queria me fazer mal. Um juiz ou juíza vai decidir depois qual a punição pra loja.

— Ué, loja não é gente.

Eu rio.

— Você está certo. Eu quis dizer o dono ou dona da loja.

— Ah...

E Ivo vai para o quarto.

Estamos na sala do apartamento do meu pai, que balança a cabeça, de um lado para o outro, e diz:

— Quando é que este país vai mudar?

Dou de ombros, pois sei que isso nunca vai acontecer.

— Sempre sofro preconceito em ambientes frequentados por gente rica. Foi assim no *shopping* elitista ao qual levei o Ivo, e agora me arrependo de ter escolhido tal lugar. E também já aconteceu no meu prédio, cujos moradores são da elite. E nem sei por que fui morar em um lugar assim.

— O que aconteceu?

— Já faz um tempo. Uma moradora branca estava no elevador e não queria que eu entrasse. Entrei e disse pra ela: “Sai, sua bruxa feia, não ando em elevador com racista”. Ela saiu e me chamou de macaco.

— Desgraçada.

— Fiz a denúncia. Mas não deu em nada. Afinal, a câmera do elevador não gravava áudio e também não havia testemunhas do fato. A mídia nos estimula a denunciar, mas os racistas sabem que é difícil comprovar a nojeira deles. Mas sempre abro um processo, mais como protesto. Ter dinheiro me permite isso, evita maiores agressões, inclusive dos próprios representantes da justiça, que ainda oprime os mais pobres.

MEU FRANCÊS

Paro em frente à casa, desço do carro e fico aqui olhando, com medo de descobrir que ele não mora mais lá. Então percebo que um menino preto, com lindo *black-power*, está em uma das janelas da casa a me observar. Quando nota que o vi, ele se esconde. Depois aparece de novo, e aceno.

Ele então sai correndo, e ouço sua vozinha que grita pelo pai. Um tempo depois, Didier abre a porta e se aproxima, o menino vem logo atrás. Não demora muito para Didier abrir aquele sorrisão lindo.

— Não acredito no que estou vendo!

Aproxima-se e me dá dois beijinhos no rosto, um de cada lado. É um costume francês. Não resisto, abraço-o com tanta força que não preciso de palavras para dizer o quanto eu senti sua falta. E sinto seu coração disparado contra o meu.

Sou eu quem encerra o abraço, olho para o menino e pergunto:

— E quem é esse aí?

— É Antoine.

— Prazer em te conhecer, Antoine. Meu nome é Chaicovisque.

Ele baixa os olhos.

— É tímido. Mas logo se acostuma e não te larga mais.

— Acho que toda criança é assim. Tenho um irmão agora, ele tem cinco anos.

— Antoine tem cinco anos também.

— Pois é, eles são todos assim mesmo.

Didier inclina a cabeça de lado, enquanto me olha com surpresa.

— Só agora percebi. Você aprendeu francês!

Dou uma gargalhada.

— Sim, nos últimos anos, aprendi mais duas línguas. O inglês pras minhas viagens pelo mundo. E o francês pra conversar com você. Afinal, se me lembro bem, você é mais francês do que espanhol.

Ele continua lindo. Está um pouco gordo, com uma barriguinha de heterossexual-pai-de-família. Mas eu sei que vou amá-lo para sempre, mesmo quando ele estiver velhinho, murcho como um maracujá, sei que vou querê-lo eternamente.

Ele me convida para entrar, o lugar não mudou muito. Pergunto pelo seu pai, ele me diz que não mora mais aqui, vive com Amélie na Inglaterra. E arremata:

— Aqui só moramos nós dois, né, Antoine?

O menino balança a cabeça, afirmativamente.

— E a mãe dele?

Antoine fica atento.
Didier passa a mão na cabeça dele e me diz:
— Depois falamos disso.

MAIS DO QUE PALAVRAS

É noite, Didier e eu estamos na sala. Antoine já está dormindo no quarto. Então Didier me conta que Sophie, assim que pariu o filho, foi embora e não mandou mais notícias. Ninguém sabe dela já faz cinco anos.

— Por que ela foi embora?

— Até hoje não entendi. Acho que viu o menino e percebeu que não tinha o tal instinto materno.

Dou-lhe um sorriso.

— Mas você parece que está se saindo bem sozinho. — Então pergunto: — Você está sozinho, não está?

Não sei se ele percebe as segundas intenções por trás de minha pergunta.

— Nos dois primeiros anos, meu pai e Amélie me ajudaram. Depois seguiram o rumo deles e ficamos só Antoine e eu. Gustave às vezes me ajuda. Mas não posso contar sempre com ele.

— E como o Gustave está?

Didier sorri.

— Segundo ele, “a velhice não é pra qualquer um”. Mas está se saindo bem. Ele vai gostar de te ver.

Didier me olha, interessado:

— Você vai ficar alguns dias aqui, não vai?

— Pois é, tenho um concerto na semana que vem, em Paris.

Ele faz uma cara de respeito e ironia:

— Chaicovisque! Maestro brasileiro!

Fico surpreso.

— Como sabe que sou maestro?

— Andei buscando informações sobre você nos últimos anos. E, recentemente, descobri que um jovem maestro brasileiro chamado Chaicovisque vai reger uma orquestra em Paris.

Então quer dizer que ele pensou em mim durante todo esse tempo.

— Também busquei informações sobre você, mas não encontrei nada.

— É que não sou famoso como você.

— Não sou famoso!

— Mais do que eu, você é.

— Aliás, como você ganha a vida?

— Marcenaria.

— Um belo ofício.

— Eu gosto. Fiz uma oficina no fundo do quintal. Depois te levo pra conhecer. Tenho clientes regulares. Vivo sem muito estresse.

Então o silêncio se interpõe entre nós até que Didier declara:

— Estou feliz que esteja aqui.

— Também estou.

Nossos olhos se encontram e dizem coisas que nossas bocas não conseguem dizer. Mas Didier desvia os dele, diz estar cansado. Também estou, ele me guia até o quarto de hóspedes.

ELA

Gustave nos recebe com sua alegria costumeira. Agora está usando uma bengala.

— Minha artrose piorou — explica.

Antoine não o larga, gosta muito do tio-bisavô.

— Tio Gustave — o menino diz, — o Chai é amigo do meu pai.

— Eu sei, Antoine, eles ficaram amigos antes de você nascer.

Imagino que Gustave já percebeu que sou apaixonado por Didier. Convido-o para ir ao meu concerto. Ele agradece, diz que gostaria muito, mas anda com dores de velho e prefere permanecer em casa.

— Aproveitem a juventude, rapazes.

Didier e eu sorrimos, educados, pois ainda não compreendemos o que é não ser mais jovem.

Enquanto Antoine brinca no quintal, Gustave relembra o passado e expõe seus pensamentos de homem vivido. Ele parece cansado quando nos despedimos.

Ao chegarmos à casa de Didier, o menino corre para o quarto, e ouso perguntar:

— Você sente saudade dela?

Didier me olha como se implorasse um abraço.

— Sinto raiva por nos abandonar. Você não sabe como é difícil criar um menino.

Coloco a mão em seu ombro e aperto. Depois me afasto, caminho pela sala.

— Imagino que tenha muito trabalho — digo. — Não se prenda por mim.

— Vem conhecer minha oficina.

— Depois. Pode ir trabalhar, que cuido do Antoine.

— Não se importa?

Antoine aparece com um livro e me pede para ler para ele. Nós nos sentamos no chão, enquanto Didier se afasta, com um sorriso. Inicio a leitura. Estou impressionado com a concentração de Antoine. Ele fica caladinho, ouve com atenção.

Quando dou uma pausa na leitura, ele comenta o que li, faz perguntas. Ele é magrinho e tem grandes olhos pretos, como os de Sophie. Mas o sorriso é do pai. Logo sinto pelo menino grande afinidade e algo semelhante a amor paterno.

Antoine fica em silêncio, pensativo, antes de perguntar:

— Você conheceu minha mãe?

— Conheci.

— E como era ela?

— Seu pai não disse?

— Ele não gosta de falar dela.

Então falo coisas boas sobre Sophie, um filho deve ter uma boa imagem de seus pais. Ele ouve calado, com um sorriso nos lábios. Depois pede para eu continuar a leitura.

PARQUE DE DIVERSÕES

No fim do dia seguinte, resolvemos dar um passeio na cidade, que continua a mesma coisa. A única novidade é um parque de diversões. Quando passamos diante do museu, Didier e eu rimos, pois nos lembramos de quando estivemos ali.

Nos sentamos à mesa da sorveteria. Um rapaz nos atende, é sorridente e agradável. Didier conta que a dona do estabelecimento faleceu há uns cinco anos. O filho assumiu o negócio. Percebo que ele olha para mim daquele jeito.

É bonito o rapaz, alto, magro, pele branca queimada de sol, olhos de um azul-esverdeado, pequenos, e um nariz de Pinóquio, comprido, enorme, lindo. Se eu não estivesse em companhia de Didier e de Antoine, eu dava uma chance ao rapaz.

Impressão minha ou Didier está incomodado com os olhares do dono da sorveteria? Fato é que fica calado, com cara de poucos amigos. Prefiro não o provocar, evito olhar para o narigudo lindo.

— Você gosta de sorvete, Antoine? — pergunto ao menino.

— Muito!

— Estou vendo.

— Gosto muito mesmo.

— E qual o sabor de que você mais gosta?

— De todos!

Didier e eu rimos, e Antoine também, feliz por nos fazer feliz. Não resisto, dou uma olhada para o rapaz, que me sorri. Desvio o olhar, vejo uma menininha de vestido azul que caminha pela praça, pensativa, melancólica, com uma boneca de pano pendurada em sua mão direita.

Terminado o sorvete, nos dirigimos ao parque de diversões. Antoine sorri de orelha a orelha enquanto gira sobre um cavalinho verde do carrossel.

— Ele parece feliz — digo.

— É um parque de diversões, né?

— Não só agora, quero dizer que ele é uma criança feliz.

— Você acha?

— Você é um bom pai, Didier.

Ele me dá um tapinha nas costas, em agradecimento.

Quando Antoine desce, feliz, do carrossel, convido os dois para o carrinho tromba-tromba.

— Eu vou com o Chai! — o menino grita e segura a minha mão.

— Parece que você conseguiu um fã, Chai — diz Didier, e conclui, cáustico: — Se considerarmos o rapaz da sorveteria, dois.

Ele se afasta em busca de um carrinho, enquanto Antoine e eu buscamos outro. Enquanto nossos carrinhos se trombam, Didier evita olhar para mim.

Caralho, esse cara está com ciúme!?

PRA SEMPRE

No outro dia, de tarde, Antoine e eu estamos jogando futebol. Estou descalço, sem camisa, apenas de bermuda. Não sou nenhum Pelé, mas ensino o menino a driblar. Ele se diverte, ri quando tiro a bola dele, com pés ágeis, ri quando caio no chão e grito por falta para um juiz invisível, ri quando deixo que ele faça um gol.

Sento-me na grama, ele pula nas minhas costas e aperta o meu pescoço. Entendo que esta tentativa de brincar de luta é uma desculpa para ele demonstrar seu afeto por mim. Depois, ele se senta ao meu lado.

— Cansei, Antoine.

— Eu não!

— Ah, criança nunca fica cansada.

Ele se põe em silêncio, pensativo, e depois pergunta:

— Você vai morar com a gente pra sempre?

Eu dou uma gargalhada.

— Não, Antoine, vou embora logo.

— Ah... — ele diz, decepcionado. — Queria que você ficasse pra sempre.

— Mas prometo que venho visitar vocês sempre que for possível.

Por que temos a mania de mentir para as crianças?

— Onde você mora?

— No Brasil.

— É longe?

— É longe, preciso atravessar o oceano.

— Ah...

Não sei se ele entendeu, provavelmente não. Para não cairmos na tristeza, me levanto e iniciamos uma nova partida. Então, Didier aparece. Sorri, ao ver-nos aqui. Tira a camisa, os chinelos e, só de calça, entra na brincadeira. Por fim, ficamos só nós dois, um driblando o outro, enquanto Antoine assiste à brincadeira e sorri.

Quando faço um gol, ele comemora.

— Pra quem você está torcendo afinal? — pergunta-lhe Didier, fingindo estar contrariado.

Antoine só levanta o dedinho e, timidamente, aponta para mim. O pai então vai até ele e, enquanto o menino grita e ri, coloca-o pendurado no ombro e sai correndo pelo gramado.

— Vou te jogar pro monstro do lago!

— Não! — o menino grita e ri, de cabeça para baixo.

Depois, os dois caem na grama, eu me aproximo e me deito ao lado deles. Ficamos em silêncio, aproveitando o momento. Então sinto a mão de Didier apertar a minha. Meu coração dispara, quero morrer de tanta felicidade.

AQUELE RESTAURANTE

Entramos em meu carro alugado e seguimos rumo a Paris! Antoine está animado com a viagem. Os olhinhos atentos a tudo que veem do outro lado dos vidros do automóvel. Então começa a contar coisas da vida dele. Fala sem parar. Nem imaginamos que crianças tenham tanto a dizer, mas têm.

No lugar do restaurante onde Didier e eu nos conhecemos, agora há um posto de abastecimento e uma loja de conveniência.

— Por que está parando? — pergunta Didier. — O tanque está cheio.

Estaciono e digo para Antoine:

— Foi aqui que conheci o seu pai, Antoine. Mas, na época, aqui era um restaurante.

Didier sorri, com a lembrança.

— Você estava com fones de ouvido, cara de poucos amigos. Ouvia *rap*.

— Vou entrar e comprar um chocolate pra você, Antoine — digo. — Quer alguma coisa, Didier?

— Não, obrigado.

Entro na loja de conveniência e penso em toda a raiva que eu sentia naquele tempo, raiva exterminada por um sorriso. Então, fico triste, pois logo vamos nos separar de novo. Didier vai

encontrar uma mulher para ser a mãe do Antoine, e eu vou ser incapaz de ter um parceiro estável, já que nunca poderei amar outro homem.

Quando entro no carro, Didier pergunta:

— O que foi?

— Do que está falando?

— Você está diferente.

Tenho vontade de beijar sua boca, mas me contenho.

— Acabei me lembrando de algumas coisas, só isso.

Dou a partida e seguimos viagem.

Depois de comer o chocolate, Antoine continua seu monólogo, fala sem parar, até que fica entediado e adormece.

— Ele gosta de você — diz Didier.

— Também gosto dele.

— Sério, Chai. Ele não é assim com todo mundo. Nem com as crianças da idade dele.

Lanço um rápido olhar carinhoso para Didier e digo:

— Sei que é difícil criar o menino.

— É difícil sim. Mas, ao mesmo tempo, não consigo mais imaginar minha vida sem ele.

Toco rapidamente em sua coxa e digo:

— Você está fazendo um bom trabalho, Didier. Antoine tem muita sorte.

Ele olha para o filho, que está dormindo no banco de trás, e sei que, nesse momento, sente infindável amor paterno.

— É um dorminhoco! — diz. — Que criança consegue dormir depois de comer um chocolate?

UMA COISA SÓ

Em Paris, nos hospedamos em um hotel modesto. Um quarto para mim, outro para Didier e Antoine. Depois de dois dias de ensaio com minha querida orquestra brasileira, acompanho Didier e Antoine a uma loja para alugar *smoking* para eles. O pequeno fica muito engraçadinho com a fatiota. Gosto dele de verdade, apesar de nos conhecermos há tão pouco tempo. Os homens dessa família são mesmo apaixonantes.

Antes de começar o concerto, vou até o camarote deles. Ganhei ingressos grátis, é claro. Antoine está lindo e todo empolgado. A apresentação começa, esqueço o mundo lá fora. Antoine acaba dormindo durante o concerto. Didier o carrega até o carro, coloca o menino no banco de trás, devidamente seguro, e vamos para o hotel.

Estou no meu quarto. Mas, depois de uma apresentação, não consigo dormir. Envio mensagem para Didier. Ele não está com sono. E vem até meu quarto.

— E Antoine?

— Ele é um dorminhoco, deve acordar só de manhã. Mas deixei um bilhete lá pra ele. Caso acorde, ele liga pra mim.

Aproximo-me da janela e dou uma risada.

— Qual a graça?

— Se estivéssemos em um filme romântico, daria pra ver a torre Eiffel pela janela sob um céu estrelado.

Eu me viro e me desculpo:

— Eu não quis dizer que você e eu...

Didier está sentado na cama. Ele se levanta e se aproxima de mim. Meu coração dispara porque tem uma intenção no olhar de Didier.

— Não sou bom com estas coisas — ele diz.

— Que coisas?

Ele então me beija. E acontece. Acontece mesmo, não é um sonho. Didier e eu, pelados num modesto quarto em Paris, sem torre Eiffel na janela, sem *La vie en rose*. Mas o que importa?

Só sei que, enquanto ele está sobre mim, com seu pau dentro do meu cu, o rosto em êxtase, eu começo a chorar. Ele para, pergunta se está me machucando. Eu digo que não, que ele continue, é que...

— Eu te amo mais do que tudo.

Digo e não me arrependo, digo porque é verdade, digo porque desde que o conheci quero dizer isso para ele, digo porque só conheço a felicidade quando estou com ele, digo porque quero morrer esta noite, de felicidade, digo porque eu amo esse homem mais do que tudo.

Meu amor não é brochante, pelo contrário. Minhas palavras parecem fazer Didier ficar mais excitado, mais viril, mais possante, sinto o cheiro do seu suor e quero morrer, quero morrer com ele dentro de mim, como se fôssemos uma coisa só.

PÈRE-LACHAISE

Cemitério do Père-Lachaise, o maior de Paris. Pela entrada principal, iniciamos nossa aventura. Didier parece um guia turístico. Ele tem a ajuda de um mapa.

O lugar é imenso! Fico impressionado, e vejo a satisfação de Didier diante da minha admiração. Mas também acho tudo muito sombrio, há até corvos aqui. Andamos por caminhos ladeados por árvores e túmulos.

— Quem mora nessas casinhas, pai? — pergunta Antoine.

Didier e eu rimos.

— Pessoas que morreram e foram sepultadas aí.

— Ah... — diz Antoine, antes de pegar minha mão.

— Não precisa ter medo — digo. — É gente que morreu há muito tempo.

O túmulo do Jim Morrison é bem simples, tem um anjinho sobre a lápide e está coberto de flores. Dos fãs, com certeza.

Diante do túmulo de Chopin, Didier me olha significativamente. Música clássica! Realmente gosto de Chopin.

Didier brinca:

— Um dia vamos até a Rússia pra você conhecer o túmulo do Tchaikovsky.

Há muitas flores para Chopin. Sobre seu túmulo, há uma escultura de uma mulher sentada, de cabeça baixa.

Depois do túmulo de Bizet, Antoine já está cansado. Então, coloco-o nas minhas costas.

— Segura bem ele, Chai. Antoine é um dorminhoco. Logo vai dormir e babar em você.

— Não vou dormir, pai, não estou com sono.

Mas um minuto depois, está ressonando, abraçado ao meu pescoço.

— Não falei? É um dorminhoco. Quando você se cansar, me dá ele, que eu o carrego.

Paramos para reverenciar Proust e, em seguida, seguimos rumo ao túmulo de Oscar Wilde. Possui um bloco com a imagem de uma pessoa esculpida, como se estivesse voando.

— É uma esfinge — explica-me Didier.

— Ela está voando?

— Sim, está voando. As asas estão na vertical.

— De quem é a escultura?

— Sabia que você ia perguntar. É de Jacob Epstein.

— Você devia deixar a marcenaria de lado e virar guia turístico de cemitério.

Ele ri.

— Isso é um anjo? — pergunta Antoine.

— Acordou, dorminhoco? — fala o pai.

— Foi só um cochilo — diz o menino.

Coloco Antoine no chão.

— É uma esfinge — responde o pai.

— O que é isso?

— Um monstro com corpo de leão, cabeça de gente e asas.

— Ué, então não é esfinge, pai, não tem corpo de leão.

— Mas também alguém misterioso é chamado de esfinge.

Eu então falo para Antoine:

— O autor da escultura disse que é uma esfinge, mesmo não tendo corpo de leão. É porque ele queria fazer a gente pensar.

— Ah...

Chegamos ao túmulo de Édith Piaf. Nele, está escrito “Famille Gassion-Piaf”. Sobre ele, um Cristo deitado, pregado na cruz.

Por fim, Didier mostra-nos o Muro dos Federados, onde foram fuzilados os combatentes da Comuna de Paris em 1871.

Olha para Antoine e diz:

— Eles colocavam as pessoas encostadas do Muro e atiravam nelas.

Antoine arregala os olhos e olha para o Muro de um jeito que é um misto de assombro e respeito.

L’AMOUR...

Ficamos mais um dia em Paris e depois voltamos para a casa de Didier. Desta vez, é ele quem dirige. Antoine, no banco de trás, fala, fala, fala... até adormecer. Como diz seu pai, é mesmo um dorminhoco.

Começo a sentir a tristeza da minha partida para o Brasil. E Didier prefere não falar do que aconteceu conosco, do sexo. Eu não quero me impor na vida dele, então respeito seu silêncio.

Vou sentir saudade do Antoine. No meu último dia na casa deles, brinco bastante com o menino, leio um pouco para ele e apresento-lhe músicas clássicas e óperas. Só alguns trechos, pois criança se entedia logo. E Antoine gosta, criança é sensível.

Ele ri até se contorcer no chão quando começo a dublar Maria Callas, que canta a ária “*Habanera*”, da ópera *Carmen*, de Bizet. Faço caras e bocas, bem teatral:

— L’amour est un oiseau rebelle
que nul ne peut apprivoiser,
et c’est bien en vain qu’on l’appelle
s’il lui convient de refuser.
Rien n’y fait; menace ou prière,
l’un parle bien, l’autre se tait;
et c’est l’autre que je préfère,

il n’a rien dit, mais il me plaît.
L’amour...
L’amour...
L’amour...
L’amour...
L’amour est enfant de Bohème,
il n’a jamais, jamais connu de loi;
si tu ne m’aimes pas, je t’aime;
si je t’aime,
prends garde à toi!
Si tu ne m’aimes pas,
si tu ne m’aimes pas, je t’aime;
mais, si je t’aime,
si je t’aime,
prends garde à toi!

Enquanto o coro canta, eu apenas danço, feminino, engraçado, para divertimento de Antoine. Depois, continuo minha dublagem:

— Si tu ne m’aimes pas,
si tu ne m’aimes pas, je t’aime;
mais, si je t’aime,
si je t’aime,
prends garde à toi!
L’oiseau que tu croyais surprendre
battit de l’aile et s’envola.
L’amour est loin, tu peux l’attendre.
Tu ne l’attends plus... Il est là.
Tout autour de toi, vite, vite,

il vient, s'en va, puis il revient.
Tu crois le tenir, il t'évite,
tu crois l'éviter, il te tient.

Didier, com os olhos brilhando pelo vinho que acabou de tomar, está me olhando, com um sorriso. Olho de volta e canto para ele, que fica sério e percebe que estou falando talvez do nosso amor:

— L'amour...
L'amour...
L'amour...
L'amour...
L'amour est enfant de Bohème,
il n'a jamais, jamais connu de loi;
si tu ne m'aimes pas, je t'aime;
si je t'aime,
prends garde à toi!
Si tu ne m'aimes pas,
si tu ne m'aimes pas, je t'aime;
mais, si je t'aime,
si je t'aime,
prends garde à toi!

De novo o coro, meus gestos exageradamente femininos e as risadas de Antoine. E minha dublagem segue até o fim:

— Si tu ne m'aimes pas,
si tu ne m'aimes pas, je t'aime;
mais, si je t'aime,

si je t’aime,
prends garde à toi!

No dia seguinte, chega a hora de partir. Estamos diante do carro. Abraço Antoine, que começa a chorar e a gritar:

— Não vá embora! Não vá embora!

Começo a chorar também.

Didier se aproxima, pega na minha mão e diz:

— Fica.

O AMIGO DO PAI

E ele ficou! Sim, meu caro leitor, minha cara leitora, nosso Chaicovisque teve o seu final feliz. Sim, minhe care leitore! (Sou novo nessa coisa de usar linguagem em gênero neutro, então me perdoem qualquer equívoco.) Mas o importante é que Chai está feliz ao lado de Didier e do agora filho de ambos Antoine.

Se quiser ir embora, leitore, leitor e leitora, fica à vontade, pois a história já acabou. Mas eu, este narrador onisciente, não confiável, mas bem-intencionado, voltei porque Antoine é uma coisinha fofa demais! E acho que ele merece que seus pensamentinhos de criança sejam aqui revelados para o deleite e enternecimento de todas, todos e todes nós.

Então, vamos lá!

Ele estava perto da janela quando viu que um carro parava em frente à sua casa. De lá desceu um homem preto, com um cabelo igual ao de Antoine. “O cabelo dele é igual ao meu”, pensou o menino. “Quem é esse aí? Será que é irmão da minha mãe? Ela tem irmão!?”

“Ai, ele me viu.” O menino se abaixou, mas a curiosidade de uma criança supera qualquer coisa. Quando olhou de novo pela janela, o homem fez um aceno com a mão. Antoine correu,

enquanto gritava pelo pai. Seguiu Didier, curioso mas receoso, como qualquer criança.

— Não acredito no que estou vendo! — disse o pai e deu dois beijinhos no rosto do homem.

“Meu pai conhece esse homem. Deve ser irmão da minha mãe sim, deve ser meu tio.” Mas o abraço dos dois homens fez Antoine suspeitar de algo que ele não sabia bem o quê.

— E quem é esse aí? — perguntou Chaicovisque.

— É Antoine.

— Prazer em te conhecer, Antoine. Meu nome é Chaicovisque.

O menino baixou os olhos. “Que nome engraçado. O jeito dele falar também é engraçado. É diferente.” E quando o pai disse que ele tinha cinco anos, automaticamente Antoine mexeu os cinco dedinhos da mão direita, como se isso o ajudasse a lembrar o que é um cinco.

O pai convidou Chaicovisque para entrar. O menino então ficou mais à vontade, afinal agora o homem lhe parecia menos estranho. “Ele conhece meu avô!”, Antoine pensou quando Chaicovisque perguntou sobre Dominique.

— Aqui só moramos nós dois, né, Antoine?

O menino balançou a cabeça, afirmativamente.

— E a mãe dele?

“Minha mãe! Meu pai agora vai falar sobre a minha mãe.” Mas Didier passou a mão na cabeça do filho e disse:

— Depois falamos disso.

“Ele não gosta de falar dela. Por quê? Onde será que ela vive? Esse amigo do meu pai não é mesmo irmão dela.”

NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO

Na casa de Gustave, Antoine ouviu o tio-bisavô falar de artrose, mas não fazia a mínima ideia do que fosse isso, ele só pensava no hóspede.

— Tio Gustave, o Chai é amigo do meu pai.

— Eu sei, Antoine, eles ficaram amigos antes de você nascer.

“Nossa, ele conheceu minha mãe. O Chai conheceu minha mãe!”

Antoine foi brincar no quintal do tio-bisavô. Logo se distraiu e por um momento esqueceu-se do hóspede e da mãe. Viu um pássaro sobre uma árvore e olhou para o céu. “Será que é bom ser pássaro?”

Abriu os braços e voou, enquanto corria pra lá e pra cá, avião humano, às vezes pássaro, balançou os braços-asas. “Ai, como é bom voar.” Quando se aproximou dos adultos, ouviu Gustave falar de uma coisa que Antoine não entendeu.

Gustave falava da masculinidade, dizia que os meninos são criados para exercer a violência, odiar o que é feminino, reprimir as emoções, assediar. E assim a sociedade forja erroneamente a masculinidade.

“Mas-cu-li-ni-da-de”, essa palavra intrigou o menino. “O que é masculinidade?” Já ia perguntar

para o tio-bisavô, mas o pai decidiu ir embora, mandou o menino se despedir. Ele abraçou forte o Gustave. “Que cheiro bom o tio Gustave tem!”

Quando chegaram em casa, Antoine foi direto para o quarto. “Chai tem um jeito diferente de falar. Vou pedir pra ele ler um livro pra mim. Qual deles?”

Antoine pegou um livro e pediu para Chaicovisque ler. Os dois se sentaram no chão da sala, e Didier foi para sua oficina no fundo do quintal. Enquanto Chaicovisque lia, Antoine imaginava a história, via tudo em sua mente.

Chaicovisque parou de ler, e Antoine voltou à realidade.

— O burro e o porco são muito maus. A girafa é tão desastrada, coitada. E o melro não devia ter confiado no caçador.

— Concordo com você, Antoine.

— Por que o burro e o porco fizeram aquilo com a girafa?

— Porque são maus.

— É verdade.

Antoine ficou em silêncio, pensativo, antes de perguntar:

— Você conheceu minha mãe?

— Conheci.

— E como era ela?

— Seu pai não disse?

— Ele não gosta de falar dela.

— Ela era bonita, engraçada, inteligente, generosa, carinhosa...

“Bonita, engraçada, inteligente, generosa, carinhosa...”

Antoine sorria enquanto imaginava a mãe e pensava: “O Chai realmente conheceu minha mãe!”.

— Chai, lê mais um pouco pra mim?

SERÁ POR QUÊ?

“Sorvete! Adoro sorvete”, foi o que Antoine pensou assim que viu a sorveteria. O rapaz da sorveteria lhe perguntou que sabor ele queria. “Todos!”, ele pensou. Mas pediu de morango porque Chaicovisque também pediu.

“O homem da sorveteria sorri diferente pro Chai. Ah, todo mundo gosta do Chai!” O menino olhou para o pai. “Meu pai está com aquela cara de bravo. Será por quê? Acho que ele não gosta do homem da sorveteria porque parece que o homem da sorveteria gosta do Chai. Mas eu também gosto do Chai, e meu pai não fica com raiva de mim por causa disso. Será por quê?”

— Você gosta de sorvete, Antoine? — Chaicovisque perguntou ao menino.

— Muito!

— Estou vendo.

— Gosto muito mesmo.

— E qual o sabor de que você mais gosta?

— De todos!

“Meu pai e o Chai acham engraçado tudo que eu falo. Será por quê? Acho que é porque eles gostam de mim!”

Quando chegaram ao parque de diversões, Antoine apontou para o carrossel. Logo estava sobre um cavalinho verde.

“Não consigo parar de sorrir. Será por quê? É muito bom. Olha que tanto de gente olhando pra mim. Tenho que segurar pra não cair, meu pai avisou. Mas e se meu cavalinho verde se soltasse do carrossel e saísse voando comigo? Meu pai ia ficar desesperado. E gritar assim: ‘Antoine! Antoine! Volta pra cá!’. É, eu tenho medo de cair lá de cima.”

E o menino riu com o pensamento, mas todos acharam que era só felicidade por estar no carrossel. E era também! Nem tinha se recuperado da felicidade do carrossel, quando Chaicovisque falou para andarem no carrinho tromba-tromba.

“Não sei dirigir, vou com o Chai!”

— Eu vou com o Chai! — o menino gritou e segurou a mão do rapaz.

— Parece que você conseguiu um fã, Chai — disse Didier, e completou: — Se considerarmos o rapaz da sorveteria, dois.

“O rapaz da sorveteria? Cadê ele? Ah, tem algum segredo aí. Por que será que meu pai e o Chai estão desse jeito estranho? Ah, deixa pra lá, vou segurar no braço do Chai, tenho medo da trombada.”

NASCI DE UM BEIJO

Enquanto Chaicovisque ensinava o menino a driblar, Antoine pensava: “Chai é divertido. Quero brincar com ele pra sempre”. Quando Chaicovisque se sentou na grama, Antoine pulou em suas costas e apertou o seu pescoço. “Gosto muito de você, Chai.” Depois, se sentou ao seu lado.

— Cansei, Antoine.

— Eu não!

— Ah, criança nunca fica cansada.

“Não quero que ele vá embora, não quero ficar sem ele. Não quero. Não me canso de não querer.”

— Você vai morar com a gente pra sempre?

Quando Chaicovisque riu, Antoine percebeu algo que não sabia explicar, algo que nem o outro sabia, uma alegria falsa para disfarçar a tristeza de partir.

— Não, Antoine, vou embora logo.

Mas Chaicovisque prometeu que os visitaria sempre que possível. “Mas onde é mesmo que ele mora? Meu pai falou, mas esqueci.”

— Onde você mora?

— No Brasil.

— É longe?

— É longe, preciso atravessar o oceano.

“Meu pai disse que brasileiros são reis do futebol”, o menino pensou. E, de repente, veio uma ideia na cabeça do menino. “E se Chai é meu pai também? Dizem que se duas pessoas beijam, nasce uma criança.” O coraçãozinho dele disparou. “Então sou brasileiro também? Sou rei do futebol?”

Enquanto Didier e Chaicovisque jogavam, Antoine sorria. “Tio Gustave disse que a felicidade não se esconde. Meu pai está feliz, menos preocupado.”

O menino comemorou o gol de Chaicovisque.

— Pra quem você está torcendo afinal?

“É feio mentir.” O menino estava torcendo por Chaicovisque. “Se ele ganhar, talvez fique com a gente, porque não vai querer deixar a felicidade.”

De cabeça para baixo, pendurado no ombro do pai, não conseguia deixar de rir e gritar. E, quando estavam os três deitados na grama, o menino pensou: “Sou brasileiro também, eu acho. Pode ser duas coisas, meu pai é francês e espanhol. Nasci de um beijo, eu acho. Mas minha mãe beijou o Chai também? Sei lá. Sou francês e brasileiro, a gente pode ser duas coisas”.

RUMO A PARIS

“Será que Paris é cor-de-rosa? Acho que é. Todo mundo fala de Paris como se fosse algo de outro mundo. Ah, gosto de andar de carro, as coisas todas se movem lá fora. Um montão de coisa pra ver. Viagem. Será que demora?”

— Chai, meu avô mora na Inglaterra com minha avó Amélie. Ela não é avó de verdade porque não é a mãe do meu pai, mas eu chamo ela de avó. A mãe do meu pai mora na Espanha. Meu pai disse que a gente vai à Espanha qualquer dia desses, mas o dia não chega nunca.

Chaicovisque olhou para Didier, e ambos sorriram.

— Dizem que lá na Espanha tem um homem que fica com um pano vermelho na frente de um touro, que vai na direção dele, e o homem sai da frente. Mas tio Gustave disse que isso é coisa de bar... Como é mesmo que o tio Gustave fala, pai?

— Bárbaros, Antoine, bárbaros.

— É isso. Bárbaros. É isso que ele fala, que isso é coisa de bárbaros. Sabe por que, Chai? Porque dizem que o touro mata o homem no final.

Chaicovisque e Didier caíram na gargalhada.

— Não, Antoine — falou seu pai. — É o toureiro que mata o touro no final.

— Toureiro é o homem, pai?

— Sim, o toureiro mata o touro.

— Coisa de bárbaros! O tio Gustave tem razão.

Quando chegaram ao posto de abastecimento, Antoine pensou: “O carro está com sede de gasolina?”

— Por que está parando? — perguntou Didier. — O tanque está cheio.

— Foi aqui que conheci o seu pai, Antoine. Mas, na época, aqui era um restaurante.

“Ah, foi aqui que eu nasci então.”

— Você estava com fones de ouvido, cara de poucos amigos. Ouvia *rap*.

“O que é *rap*?”

— Vou entrar e comprar um chocolate pra você, Antoine. Quer alguma coisa, Didier?

— Não, obrigado.

“Eu gosto de chocolate. Como é que o Chai sabe disso? Só os pais sabem tudo de seus filhos. O Chai deve ser mesmo meu outro pai. Brasileiro, fala diferente. Se é meu outro pai, sou brasileiro também.”

— Eu sou brasileiro também?

Didier enrugou a testa.

— Não, você é francês.

— Ah...

“Chai não é meu outro pai então? Mas eu acho que é.”

Antoine comeu o chocolate e, depois, continuou a falar de um montão de coisas. Até que foi ficando com sono. “Estou com sono. Sou um dorminhoco, como diz meu pai. Será que quando eu acordar...”

Antoine sonhou que estava num barco feito de chocolate, que navegava num rio de leite. O cheiro do barco era bom. Mas Antoine não se conteve e comeu um pedaço do barco, que começou a afundar no leite. Antoine não sabia nadar, e ficou tudo branco. Ele então acordou.

MERDA!

“Por que Chai vai ficar num quarto só pra ele? Ia ser mais divertido se ficássemos os três no mesmo quarto. Podíamos conversar e jogar xadrez. Ainda não sei jogar xadrez, mas Chai pode me ensinar. Ah, Chai deve precisar ficar sozinho pra pensar na música dele. Meu pai disse que Chai é um artista, e dizem que artista gosta de ficar sozinho às vezes, é o que dizem.”

Enquanto Chaicovisque estava no ensaio, Didier mostrou Paris e seus sabores ao filho. Comeram bastante e até foram ao cinema. Mas os dois sentiam que faltava alguma coisa, ou melhor, uma pessoa. Já não podiam mais viver sem Chaicovisque.

Pai e filho estavam sentados à mesa de um café quando Antoine perguntou:

— E depois? Vamos à tal da torre?

Didier riu.

— Pensei em fazermos um passeio de barco no rio Sena. Mas você vai acabar dormindo com o balanço do barco.

— É, eu sou um dorminhoco.

— Então vamos à torre.

“Dizem que a torre do Eiffel é muito bonita. Será que é muito alta?”

— O dono da torre vai estar lá?

— Quem?

— Ué, o tal do Eiffel.

— Já morreu faz muito tempo.

— Ah...

— A torre pertence a Paris, Antoine!

— Ah...

Eles foram à torre, mas bem que Didier tinha a esperança de fazer esse passeio com Chaicovisque. Se o brasileiro quisesse, podiam voltar lá depois.

Então chegou a noite do concerto. Pai e filho vestiram o *smoking* e foram para o teatro. “Pareço um pinguim”, Antoine pensou. E quis até andar como um. “Mas como é que pinguim anda? Acho que não sei imitar pinguim não.”

Quando Chaicovisque foi ao camarote para ver seus dois amores, Antoine disse para ele:

— Merda!

“Dizem que a gente tem que dizer ‘merda’ pros artistas antes da apresentação.”

E riu, porque “é engraçado dizer ‘merda!’”.

Durante o concerto, Antoine dormiu. Depois, o pai carregou o menino até o carro, e os três foram para o hotel.

Quando Didier recebeu a mensagem de Chaicovisque, sentiu alegria e medo, medo do próprio desejo. Escreveu um bilhete para o menino, caso o dorminhoco acordasse.

E realmente acordou, sonolento. A luz estava acesa, e o pai não estava no quarto. “Ah, deve estar no quarto do Chai. Eles estão dando uns beijinhos...” E o dorminhoco voltou a dormir.

A ESFINGE

Os olhinhos estavam atentos a tudo, aos pássaros pretos (os corvos), às árvores e às “casinhas” dos mortos. “Quem será que mora numa casinha tão feia?”

— Quem mora nessas casinhas, pai?

— Pessoas que morreram e foram sepultadas aí.

“Casa de fantasma!”

Instintivamente, segurou a mão de Chaicovisque.

— Não precisa ter medo. É gente que morreu há muito tempo.

“Quanto tempo vive um fantasma? Não sei, deve viver muito tempo. Mas meu pai e o Chai me protegem, disso eu sei.”

Diante do túmulo do Jim Morrison, Antoine pensou: “Por que colocaram flores aqui? Pra alegrar o anjinho? Mas flor é bonita no jardim ou no bosque, aqui elas murcham todas. Será que os fantasmas tiram a vida das flores? Será que flor também vira fantasma?”.

No túmulo de Chopin, Antoine quase riu diante da escultura. “É dorminhoca feito eu.” A mulher da escultura parecia estar dormindo, foi isso que Antoine concluiu. Mas não riu nem falou nada, quis guardar isso para si.

Quando Chaicovisque o colocou nas costas, ficou feliz, porque já estava cansado e porque gostava de sentir o cheiro do Chaicovisque. O último pensamento que teve antes de dormir foi: “Não vou dormir”.

Dormiu e sonhou que era do tamanho de um polegar e estava sobre as costas de um corvo, que voava pelo céu, enquanto Antoine sentia a brisa no rosto.

Acordou diante de um anjo de pedra. Não sabia ainda quem era Oscar Wilde, mas aquilo era um anjo de pedra.

— Acordou, dorminhoco?

— Foi só um cochilo.

Chaicovisque colocou-o no chão.

O menino olhava para o anjo, que, na verdade, era uma tal de esfinge. O pai disse que esfinge é um monstro com corpo de leão, cabeça de gente e asas. Então aquilo não era uma esfinge, o menino pensou e falou. O pai tentou explicar, e Chaicovisque também.

“Então o autor do boneco de pedra, que é esfinge, mas não é esfinge, disse que é esfinge pra gente pensar que é esfinge, mesmo não sendo esfinge, e assim tudo fica misterioso, porque o boneco de pedra é alguém misterioso que é chamado de esfinge. Ah, deixa pra lá.”

Diante do túmulo de Piaf, ele viu o Cristo e aquilo lhe pareceu familiar. “Já vi esse homem na cruz antes. Acho que ele é famoso.” Mas um corvo acabou tirando sua atenção do túmulo e de Cristo.

“Que coisa ruim”, pensou Antoine, quando o pai explicou como morreram os combatentes da Comuna de Paris. “Por que tem gente má que mata? Que Muro triste!”

E ACABOU

Em casa, Antoine não desgrudava do Chaicovisque. Sentia uma necessidade de estar com o rapaz, como se isso pudesse impedir a sua partida.

Quando Chaicovisque começou a dublar Maria Callas, Antoine achou engraçado e riu, uma alegria misturada com a tristeza do iminente adeus. “Que engraçado! Chai é muito divertido!” Antoine ria no chão, enquanto Chai fazia caras e bocas. E nem prestou muita atenção na letra da música, porque o engraçado mesmo era o jeito feminino e exagerado do Chai, como se ele fosse uma mulher, um homem imitando uma mulher.

“Ele não é só maestro, também é ator. Ele faz de conta que é uma mulher que fala de amor.” Então, o menino percebeu os olhares de Chaicovisque para Didier, e os olhares do pai para Chaicovisque. “Acho que os dois se amam. É, os dois se amam.” E o menino ria, e o menino ria.

Mas o dia acabou, e outro nasceu, a despedida chegou enfim. Antoine estava com vontade de chorar, e quando Chaicovisque o abraçou, o choro explodiu.

— Não vá embora! Não vá embora!

E uma coisa mágica aconteceu. O pai pediu para que Chaicovisque ficasse. E ele ficou! “Agora

tenho dois pais! Dois pais! Dizem que tem gente que não tem nenhum. E eu tenho dois! Ah, estou muito feliz!”

E eu também, um narrador às vezes tem seu dia de final feliz. Ah, se este fosse um roteiro de cinema!... Piaf agora começaria a cantar *La vie en rose*... Porém, é apenas um romance, sem fundo musical. E *c’est fini*.

Mas, e o sentido da vida, narrador? É o amor?

Haja paciência!

Todo mundo sabe que a vida não tem sentido algum.